



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA
FACULDADE DE ITAITUBA - FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

ROSEMARY PEREIRA DA COSTA

**CONTRIBUIÇÃO DA PSICANÁLISE NA EDUCAÇÃO ESCOLAR:
Concepções dos professores da EMEF Maria da Consolação M.
Cerqueira, Itaituba-PA**

ITAITUBA-PA

2023

ROSEMARY PEREIRA DA COSTA

**CONTRIBUIÇÃO DA PSICANÁLISE NA EDUCAÇÃO ESCOLAR:
Concepções dos professores da EMEF Maria da Consolação M.
Cerqueira, Itaituba-PA**

Monografia de Graduação apresentada ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Itaituba, para obtenção do título de Licenciada Plena em Pedagogia.

Orientadora:
Profª Dra. Elina Renilde de Oliveira Ribeiro.

ITAITUBA-PA

2023

COSTA, Rosemary Pereira da.

CONTRIBUIÇÃO DA PSICANÁLISE NA EDUCAÇÃO ESCOLAR:
Concepções dos professores da EMEF Maria da Consolação M. Cerqueira /
Rosemary Pereira da Costa - Itaituba: CLPP da FAI, 2023.

76 Fls.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Faculdade de Itaituba-FAI, Curso
de Pedagogia, Licenciatura Plena em Pedagogia, Itaituba, BR-PA, 2023.

Orientadora: Prof^a Elina Renilde de Oliveira Ribeiro, Dra.

1. Psicanálise educacional. 2. Ensino Fundamental. I. RIBEIRO, Elina. II. Faculdade
de Itaituba. Itaituba, BR-PA, 2023.

ROSEMARY PEREIRA DA COSTA

**CONTRIBUIÇÃO DA PSICANÁLISE NA EDUCAÇÃO ESCOLAR:
Concepções dos professores da EMEF Maria da Consolação M.
Cerqueira, Itaituba-PA**

Monografia de Graduação apresentada ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Itaituba, para obtenção do título de Licenciada Plena em Pedagogia, sob a orientação da Profª Dra. Elina Renilde de Oliveira Ribeiro.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora/Presidente da Banca: _____ Nota: _____
Profª Elina Renilde de Oliveira Ribeiro, Dra.

Avaliador: _____ Nota: _____
Profº Francisco Cláudio de Sousa Silva, Dr.

Avaliadora: _____ Nota: _____
Profª Edilaine Silva Melo, Esp.

Resultado: _____ Média: _____

Itaituba-PA, 18 de agosto de 2023.

A minha família, em especial, a minha mãe de criação, que não mediu esforços para que eu chegasse até aqui, e aos meus amigos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao divino pai eterno por ter permitido que eu chegasse estar aqui, e em segundo lugar a minha família, principalmente a minha querida e abençoada mãe de criação, que me incentivou durante a minha jornada acadêmica. Em todos os períodos deste Curso a participação da minha mãe foi e continua sendo fundamental para a minha vida. Ela é meu alicerce, minha rocha, por isso, agradeço a Deus pela vida dessa pessoa a quem devo tudo que sou hoje.

Agradeço também aos meus filhos que souberam compreender a minha ausência em alguns momentos.

Quero externar os meus agradecimentos a minha orientadora Prof.^a Elina Renilde de Oliveira Ribeiro, aos meus colegas de turma que tiveram paciência e que sempre se disponibilizaram em me ajudar nas atividades acadêmicas.

Agradeço a todos os que contribuíram para a realização dessa pesquisa, em especial aos professores da Escola pesquisada.

“A Psicanálise não cria [a transferência], mas apenas a traz à consciência e assume o controle dela para orientar os processos psíquicos rumo a meta desejada” (FREUD, 2020, p. 120).

RESUMO

Este estudo teve por objetivo analisar sobre as dificuldades relacionadas ao aprendizado da criança e de que forma a Psicanálise pode contribuir para a Educação Escolar, tendo em vista que grande parte dessas dificuldades está relacionada à ausência da afetividade e da escuta. Para discorrer sobre o tema, tomou-se por base as ideias de autores renomados no assunto como forma de verificar a importância dessa área no campo pedagógico. Para a pesquisa de campo foram ouvidos oito professores de uma escola pública de ensino fundamental por meio de um questionário. Por fim, observou-se para os professores saber com as questões emocionais e sociais dentro do âmbito escolar pode favorecer o desenvolvimento da criança para que se torne um sujeito pensante e capaz de interferir em movimentos relacionados ao bem-estar da comunidade pertencente. Sempre vão surgir situações desafiadoras e para isso é necessário haver um ambiente interno seguro para a estimulação do conhecimento de cada aluno. Para os professores, os métodos psicanalíticos para o ensino, são fundamentais. Ao aproximar essa área de estudo da Pedagogia tem-se uma somatória de contribuição para a compreensão das questões emocionais dos alunos.

Palavras-Chaves: Psicanálise Educacional. Ensino Fundamental. Relação Professor e Aluno.

ABSTRACT

This study aimed to analyze the difficulties related to the child's learning and how Psychoanalysis can contribute to School Education, considering that most of these difficulties are related to the absence of affection and listening. To discuss the subject, the ideas of renowned authors on the subject were based on as a way of verifying the importance of this area in the pedagogical field. For the field research, eight teachers from a public elementary school were interviewed through a questionnaire. Finally, it was observed that teachers know how emotional and social issues within the school environment can favor the development of the child to become a thinking subject capable of interfering in movements related to the well-being of the belonging community. Challenging situations will always arise and for that it is necessary to have a safe internal environment for the stimulation of each student's knowledge. For teachers, psychoanalytical teaching methods are fundamental. By bringing this area of study closer to Pedagogy, there is a sum of contribution to the understanding of students' emotional issues.

Keywords: Educational Psychoanalysis. Elementary School. Teacher and Student Relationship.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Perfil dos entrevistados	56
Quadro 2. Escolha da profissão.	60
Quadro 3 O que mais motivou nessa profissão?	61
Quadro 4. A relação professor e aluno e a influência na aprendizagem?	62
Quadro 5. Já se sentiu como uma figura paternal/maternal a seus alunos?	64
Quadro 6. Tem algum professor que lhe traz lembranças ou admiração?	65
Quadro 7. Você contempla no Planejamento Pedagógico o desenvolvimento socioemocional do aluno?	66
Quadro 8. Principais dificuldades em sala de aula?	68

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 COMPREENSÃO DA PSICANÁLISE NA RELAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM.....	12
1.1 PSICANÁLISE: ASPECTOS CONCEITUAIS.....	12
1.2 FREUD E A PSICANÁLISE.....	17
1.3 DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM NAS TEORIAS.....	31
2 RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO À LUZ DA PSICANÁLISE E AS IMPLICAÇÕES NO SEU DESENVOLVIMENTO.....	41
2.1 COMO A CRIANÇA APRENDE?	41
2.2 CONTRIBUTOS DA PSICANÁLISE NA RELAÇÃO PROFESSOR – ALUNO.....	44
2.3 A PSICANÁLISE E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR.....	49
3 CONTRIBUIÇÃO DA PSICANÁLISE NA EDUCAÇÃO ESCOLAR: CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES DA EMEF MARIA DA CONSOLAÇÃO M. CERQUEIRA, ITAITUBA-PA.....	55
3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	55
3.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO LOCAL DE PESQUISA.....	57
3.3 CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES.....	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
REFERÊNCIAS	72
APÊNDICE.....	75

INTRODUÇÃO

A monografia em questão ocupa-se em verificar a contribuição da psicanálise na educação escolar. Embora não sendo considerada uma área de estudo de fato, foram encontradas informações que servem como subsídios para entender a dinâmica existente entre a Psicanálise e a Educação escolar. Desse modo este estudo teve por objetivo analisar sobre as dificuldades relacionadas ao aprendizado da criança e de que forma a Psicanálise pode contribuir para a Educação Escolar, tendo em vista que grande parte dessas dificuldades está relacionada à ausência da afetividade e da escuta.

Assim sendo buscou-se compreender a prática docente destinada aos alunos com dificuldades de aprendizagem ocasionadas pelo desequilíbrio emocional; identificar as estratégias utilizadas para trabalhar as questões da afetividade no interior das escolas; apontar o processo de relação professor e aluno nas escolas de ensino fundamental, reconhecer as contribuições da Psicanálise na prática pedagógica das escolas de nível fundamental; a possibilidade de uma aproximação entre a psicanálise e as questões educacionais e, principalmente no que diz respeito à importância que o professor deve atribuir aquilo que a criança diz, bem como aquilo que é dito.

Daí a viabilidade de fazer um estudo sobre o auxílio da psicanálise na educação escolar a partir das concepções dos professores de uma escola pública, dentro da cidade de Itaituba no estado do Pará, levando em consideração a Escola de Ensino Fundamental Maria da Consolação Mendonça Cerqueira.

Para compreender a dinâmica existente entre essas duas áreas, buscou-se responder as seguintes questões: Como os professores do ensino fundamental lidam com as questões sociais e emocionais dos alunos? A relação professor – aluno influencia na aprendizagem do aluno? Quais as contribuições da Psicanálise na prática pedagógica dos professores do ensino fundamental?

Para base teórica desse estudo, buscou-se fundamentos em alguns autores que discutem essa relação existente, dentre entre eles; Kupfer (2007) que enfatiza em sua obra intitulada a “Importância da Psicanálise na Educação” a possível somatória entre Psicanálise e Educação. Seguindo a linha de raciocínio da autora, vários renomados no assunto como Alfaro (2017), Fulgêncio (2010), Assis (2007), Evalte (2010), Pedroza (2010), Back (2016), Klein, (1991) e os demais autores abordados

nessa pesquisa reconhecem que as aplicações da psicanálise na teoria e prática da educação escolar despertaram grandes interesses, trazendo importantes contribuições para o processo do aprendizado.

Para responder tais questionamentos, foi realizada uma pesquisa de campo de cunho qualitativo para o levantamento dos dados, a fim de se obterem respostas claras e concisas, em que se ouviu oito professores EMEF Maria da Consolação Mendonça Cerqueira. Trujillo (1982, p. 41) reforça a ideia de que “a pesquisa de campo é uma análise profunda das informações coletada, e que exige do pesquisador controle e objetivos determinados para a coleta de dados”.

A presente monografia está estruturada em: Introdução, fundamentação teórica com uma abordagem, no primeiro capítulo, sobre a compreensão da Psicanálise na relação do desenvolvimento e aprendizagem, que contou com a discussão de autores referente a conceituação da psicanálise e os saberes que ela proporciona a modernidade. Embora ainda sendo considerada apenas uma de área conhecimento calcadas em teorias freudianas, os autores não descartam a possibilidade dessa área ser de suma importância para o espaço escolar.

No segundo capítulo, encontra-se teorias referentes a relação professor-aluno à luz da psicanálise e as implicações no seu desenvolvimento. Os autores discorrem como a psicanálise pode interferir positivamente no dia a dia dos envolvidos na educação escolar. Quanto ao terceiro capítulo é representado pela contribuição da psicanálise na educação escolar e as concepções dos professores de uma escola pública.

1 COMPREENSÃO DA PSICANÁLISE NA RELAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM

1.1 PSICANÁLISE: ASPECTOS CONCEITUAIS

A mente humana ainda é considerada um mistério para a ciência que embora tenha revelado vários aspectos a respeito desse órgão tão importante, a compreensão global de sua potencialidade ainda está longe de ser alcançada. Vários estudos a respeito do seu funcionamento foram realizados durante muito tempo, objetivando compreender as desordens que ocorrem na mente humana. Para compreender esses fenômenos, as áreas da psicologia, neurologia e psicanálise foram desenvolvidas para estudar minuciosamente sobre essas desordens mentais que podem estar ligadas a fatores biológicos, psicológicos, socioculturais e a fatores ligados a traumas (ALFARO, 2017).

A mente é, hoje, até fácil de descrever em seus aspectos mais gerais, mas a função mental em cada circunstância específica de nossas vidas continua sendo um mistério. Somos surpreendentes, e nisso radica nossa variedade como indivíduos, e também algumas das nossas semelhanças (IVÁN, 2004, p. 06).

Conforme o exposto, a mente humana abrange muitos aspectos e não é possível estudá-la nem a entender, ainda que num nível elementar, sem levar em consideração todos esses aspectos. A mente influi sobre o corpo, o corpo influi sobre a mente, e nem um nem outro tem a ver com a alma ou o espírito.

Sendo uma das pioneiras em criar métodos científico para explicar os distúrbios e entender o funcionamento da mente humana, a Psicanálise em suas distintas expressões, surgiu para investigar os males que acometiam as pessoas em uma época em que os transtornos psíquicos eram julgados como oriundos de uma força demoníaca. Durante toda a Idade Média, as pessoas que apresentavam algum tipo de psicose não passavam por nenhum tipo de tratamento que pudesse emitir uma resposta diferente das formuladas sem estudo (ALFARO, 2017).

Ainda seguindo essa linha de pensamento, o autor esclarece que com o surgimento da era Moderna esse cenário deixou de existir e deu lugar aos estudos que buscam respostas para esses males através da investigação do homem através do homem. Com métodos mais sofisticados, a psicose apresentada pelo sujeito

começou a ser investigada de forma diferente, graças aos novos métodos criados por Sigmund Freud, que se interessou em estudar a raiz do problema mental do sujeito para então solucioná-los.

A psicanálise é compreendida como a área que estuda o comportamento e os processos mentais do sujeito, e que consiste, grosso modo, trazer para a consciência do paciente conteúdos inconscientes que estariam originando perturbações neuróticas (FULGENCIO, 2010, p. 101).

Assim, pode-se entender que as concepções da psicanálise em relação a psique humana são atribuídas aos sentimentos, impulsos e desejos que estão enterradas no inconsciente do indivíduo. Considerando esses aspectos, a psicanálise enquanto ciência trabalha com a investigação do inconsciente, através da fala, que leva o paciente a desabar e colocar em palavras tudo o que povoa em sua mente.

Conforme Alfaro (2017), cabe ressaltar que antes mesmo antes de Freud desenvolver seus estudos sobre o comportamento psíquico do sujeito, ele teve por base as teorias do psicanalista francês Jean-Martin Charcot, que atuava no tratamento de pessoas acometidas por psicose, em um de suas consultas ele notou que as os pacientes cujas reações demonstram, sob efeito hipnótico, cessar, quando retornavam do estado hipnótico os sintomas surgiam novamente. Através dessas observações comprovou-se que o surgimento da psicose nos pacientes era resultado de uma força ulterior.

Kleinman (2015), garante que esses estudos renderam a Freud interesses pelos casos de pacientes histéricos e neuróticos. O psicanalista para aprender mais sobre o método hipnótico teve como mestre o francês Jean-Martin Chorcot, com quem aprendeu várias técnicas para atender seus pacientes, inclusive a técnica da hipnose. Ao utilizar a hipnose, Freud observou que poderia obter mais informações de seus pacientes, por meio do método de associação livre, em que o paciente é instigado a falar o que viesse à mente. Através da escuta, Freud identificou que os problemas mentais, que acometem o sujeito, tinham origens de desejos reprimidos, relegados ao inconsciente.

A psicanálise é um campo clínico e de investigação teórica da psique humana, independente da psicologia, que tem origem na medicina, desenvolvida por Sigmund Freud que aponta [...] pretende explicar o funcionamento da mente humana baseada em dois fundamentos: inconsciente e desejos sexuais. Esses fundamentos atuam como método para explicar os diversos transtornos mentais (BACK, 2016, p. 13).

De acordo com o exposto, a psicanálise baseia-se em dois fundamentos para explicar os transtornos mentais que acometem o indivíduo: O primeiro compete a consciência que equivale apenas a uma parte da vida psíquica total, sendo que a outra parte está no inconsciente. Quanto ao segundo fundamento, está ligado às tendências sexuais, que será explicada nos próximos capítulos.

Sobre Freud a análise de Fulgencio (2010) considera que a grande contribuição da psicanálise foi ter tornado possível um conhecimento científico da vida psíquica. A cientificidade da psicanálise ganhou notoriedade como ciência na medida em que produziu um objeto teórico articulado de maneira coerente por um método de investigações e por uma técnica. O saber da área psicanalítica produziu um objeto cujo vigor e a verdade estão calcados na subversão dos propósitos e controle que toda ciência defende, e, que devido a isso, exige estudos, conquistando, para si, dentro da esfera científica, toda a espécie de resistência.

Sigmund Freud apresenta uma ciência singular que propõe um sujeito também singular, único, e que exige algo para além da evidência sistemática, a qual explica coisas que o ser humano faz e sente por meio de especulações que podem parecer estranhas à maioria. A psicanálise raciocina para além da ciência dita normal, o que não significa um demérito a uma ou outra. Apontamos, sim, para a diferença, para o lugar que, segundo nossa avaliação, seria o da psicanálise que, apoiada em outros fundamentos, estaria reivindicando uma outra forma de prova científica diferente daquela proposta pelas ciências do século XIX (FULGÊNCIO, 2010, p.121),

A descoberta feita por Freud sobre a Psicanálise como Ciência inaugura um novo discurso, um novo modelo de laço social, a partir do qual pode-se refletir retrocessivamente as outras categorias já existentes desde sempre na sociedade.

Dentro desse contexto psicanalítico encontra várias vertentes defendidas por autores que em determinado tempo seguiam as instruções de Freud a respeito dos conceitos da Psicanálise e de sua forma de estudar sobre a raiz do problema mental do sujeito. Dentre esses estudiosos, encontram-se Jung, discípulo de Freud, que mais tarde constrói uma carreira embasada na Psicologia analítica. Essa psicologia, o desenvolvimento da psique humana é gerado por um vazio interno derivado da forma como são criados e como percebem o mundo.

Ainda conforme o autor, diferente dos estudos e conceitos dado a Psicanálise Freudiana, Jung admite que os problemas mentais não tem como procedência aqueles encontrado na psicanálise de seu mestre, mas está arraigada a outros fatores compreendidos por três pilares: Inconsciente Coletivo; a sincronicidade e a

individuação, que juntas entendem que o sujeito pode construir sua personalidade através das relações significativas, onde ele pode escolher o que é bom ou ruim para si ou não.

Cal constatou, ao analisar as sociedades espalhadas no mundo, que elas compartilhavam dos mesmos símbolos havia milhares de anos e pôde concluir que os seres humanos carregam em si uma parte que não se apoia nas experiências individuais, o chamado inconsciente coletivo, que é baseada nas predisposições funcionais de organizações do psiquismo, composto por memórias herdadas (FREUD, 2016, p. 23).

Nesse sentido, a Psicanálise defendida por Jung, entendida também como Psicologia Analítica, é a área voltada para os estudos do inconsciente coletivo, ou seja, as informações que o sujeito tem no inconsciente são informações herdadas da psique humana e que então não eram desenvolvidas pessoalmente. Ao contrário do pensamento de seu mestre, Jung acreditava que o problema mental que o sujeito apresenta não está arraigado a traumas, mas a arquétipos. Ou seja, os padrões de comportamento do sujeito estão ligados ao comportamento que um membro da família ou algum personagem visto como importante tem.

Conforme Back (2016), a Psicanálise pode-se dizer que é a área que estuda os transtornos mentais e busca compreender a forma que a mente do sujeito se desenvolve. Para o autor, a Psicanálise preocupa-se em buscar e em compreender os problemas que causam conflitos na mente humana, por meio da escuta.

Sendo compreendida dessa forma, o autor afirma que, a Psicanálise também pode contribuir significativamente, através dos seus métodos, com a educação. Muito embora existem aqueles que não compartilham dessa ideia, por acreditarem que se trata de um campo que não pode solucionar problemas de aprendizagem.

A Psicanálise pode ser convocada para atuar acerca dos problemas de aprendizagem. Isso porque, ela pode trazer respostas prontas acerca do que fazer com o aluno que se desvia do esperado, trazendo uma solução oportuna que o resgate para a norma. (LEITE, 2011, p.15).

Nesse sentido, a psicanálise pode ser vista como a área que possibilita compreender o fenômeno educativo, através das noções de inconsciente e que para evitar o aparecimento de sintomas neuróticos ela não descarta a possibilidade de oferecer uma aprendizagem não repreensiva e que responda aos questionários do sujeito conforme forem surgindo.

A Psicanálise é um campo clínico e de investigação teórica da psique humana independente da Psicologia, que tem origem na Medicina desenvolvida por Sigmund Freud, médico que se formou em 1881, trabalhou no Hospital Geral de Viena e teve contato com e teve contato com o neurologista francês Jean Martins Charcot, que lhe mostrou o uso da hipnose (LEITE, 2011, p. 28).

Dessa forma, Freud defendeu esse método, até um certo tempo, como uma forma de compreender e analisar o homem enquanto sujeito do inconsciente, abrangendo três áreas: Um método de investigação do psiquismo e seu funcionamento; um sistema teórico sobre a vivência e o comportamento humano; é um método de tratamento caracterizado pela aplicação da técnica da Associação Livre.

Leite (2011) afirma que é válido lembrar que essa teoria está ligada à personalidade humana e é considerada um procedimento de psicoterapia. A psicanálise influenciou diversas outras correntes de pensamentos e disciplinas das ciências humanas, ocasionando uma base teórica para uma maneira de compreensão da ética, da moralidade e da cultura do ser humano.

Em uma linguagem basicamente dita, o termo “psicanálise”, em algumas ocasiões é entendido como sinônimo de “psicoterapia” ou “psicologia”. Porém, cabe destacar a distinção existente entre eles; quando se fala em Psicologia refere-se a ciência que estuda o comportamento e os processos da mente humana, quanto a psicoterapia, ela é firmada no trabalho terapêutico baseada no corpo teórico da psicologia, já a psicanálise refere-se às informações oriundas de Freud, não deixando de ser uma psicoterapia, porém não considerada como ciência (LEITE, 2011).

Para Leite (2011) cabe lembrar que essa teoria está ligada à personalidade humana e é considerada um procedimento de psicoterapia. A psicanálise influenciou diversas outras correntes de pensamentos e disciplinas das ciências humanas, ocasionando uma base teórica para uma maneira de compreensão da ética, da moralidade e da cultura do ser humano.

Em suas pesquisas, Freud sempre enaltece a questão se olhar a infância como uma tomada simples de passagem:

[...] a infância não pôde ser mais tomada como uma simples passagem de crescimento orgânico para a fase adulta. As fases infantis passam a ser vistas em toda a sua magnitude e importância, consideradas como constitutivas das características do adulto, com suas mazelas, vicissitudes e também, porque não dizê-lo, com suas características de excelência e de produtividade (ASSIS, 2017, p. 41).

Segundo a autora, foi por meio das suas observações clínicas que Freud constatou que o desenvolvimento da personalidade humana ocorre devido às pulsões sexuais e, ainda, que estas, pelo fato mesmo de ser infantil estar em fase de desenvolvimento, são parciais.

1.2 FREUD E A PSICANÁLISE

A história de Sigmund Freud inicia-se em 06 de maio de 1856 na Região de Morávia, atual República Tcheca. Pertencente a uma família Judaica, Freud era o primeiro de sete filhos. Ainda na sua infância ele e sua família mudaram-se para a Áustria, onde residiu grande parte de sua vida. Após o nascimento de seus outros quatro irmãos, a família de Sigmund passou por grandes dificuldades, marcando assim a sua infância e a sua juventude. Ao longo de sua vida, embora suas pesquisas lhe tenham atribuído fama, ele nunca possuiu riquezas (PICCINI, 1986).

Ainda conforme a autora, antes que Freud frequentasse os bancos das escolas, as suas primeiras aulas foram dadas pela sua mãe que mais tarde foram regadas pelo seu pai, que demonstrava ser um homem inteligente e de mentalidade aberta. Porém, um episódio constrangedor na vida do psicanalista fez com que ele não cultivasse de maneira significativa a figura do pai, fazendo com que ele transferisse a sua admiração para personagens com fama de heróis.

Sempre acreditou ser ele destinado a grandes sucessos, pois viera ao mundo envolto na memoranda amniótica[...]. Seu orgulho e carinho pelo filho levaram Freud a escrever mais tarde: “Quem tenha sido indubitavelmente o favorito de sua mãe conserva por toda a vida, o sentido de um conquistador, uma confiança no sucesso pessoal, que, muitas vezes, leva ao sucesso verdadeiro” (PICCINI, 1986, p.11).

Conforme o exposto, não há dúvidas a respeito da predileção que a mãe de Freud sentia por ele, embora ela tivesse outros filhos era visível essa predileção, o que incentivou de forma significativa Freud a ir em busca de conhecimento.

Freud tinha poucas lembranças de sua infância, mas o pouco que recordava passou por um processo de autoanálise, criado por ele quando adulto. Entre essas lembranças, ele recordava do nascimento da irmã, a qual via como usurpadora e ceifadora de amor familiar. Com o falecimento da irmã, Freud acrescentou em sua mente culpas e auto recriminações pelo fato ocorrido. Essas lembranças, serão em grande parte solucionadas pela autoanálise (PICCINI, 1986).

A ênfase que a autora faz em relação às emoções progressivas de Freud quando criança, servem para salientar duas características fundamentais da personalidade do psicanalista: sua excepcional intuição descobridora e auto coragem em assumir e transmitir o resultado de suas auto declarações. Nesse sentido, é impossível não associar o tempo que ocorreu os dramas infantis ao momento em que eles foram recuperados e entendidos por Freud, através de sua auto-análise. Atualmente, as ideias freudianas auxiliam os pais, pedagogos e psicólogos na compreensão do que os infantes desejam, sofrem e temem.

Pensando em tudo isso, também deve o professor lembrar que sendo investidor de tantas emoções, ele precisa cuidar da forma como lida com esse poder nele colocado por seus alunos. Muitos comportamentos vindos do professor podem comprometer seriamente uma criança que tenha uma relação transferencial forte com ele (EVALTE, 2010, p.18).

Nesse sentido, fica evidente que os estudos freudianos apontam que a relação do aluno/professor implica muito em como esse educador vai se comportar perante esse aluno, e que a construção dessas relações depende da base de sentimentos que o aluno tem pelo docente.

Piccini (1986) destaca a importância de lembrar que ao se tratar da infância de Freud, não se deve esquecer que as opiniões dos adultos em relação aos sentimentos dos infantes eram totalmente outras. Durante séculos, a criança era vista como um ser ameno, desprovido de conflitos e alheio aos problemas sexuais, dominada pelo amor castro a seus progenitores e que a ligação entre irmãos só poderia acontecer, através de afeto e de uma mútua colaboração sem sermões. Ainda durante esse período, Freud surgirá com outras verdades desenvolvidas através introspectivas de si mesmo.

E dessa forma, pela primeira vez, falou-se sobre o que a psicologia e o homem atualmente aceitam e compreendem facilmente: as fantasias de muitos ciúmes e a aversão intensa entre irmãos, que, independentemente disso, também podem ter afeto entre eles; as devastadoras culpas inconsciente; as dramáticas paixões infantis, explicada mais tarde pelo complexo de Édipo; o temor de ser abandonado ou de ser pouco amado devido a presença de terceiros; as curiosas tentativas de decifração ao perceber que a mãe carrega um bebê no ventre e que as explicações sobre cegonhas não passam de estórias; as confusões causadas por conta de certos vocábulos proferidos pelos adultos, mas que devido a criança não ter alcançado o nível simbólico

acaba interpretando de forma denotativa; e outras angústias que acometem as crianças, que será apontada pela psicanálise.

Conforme Alfaro (2017) desde a infância, Freud mostrou-se um aluno exemplar na escola chegando a frequentar aos 17 anos a Universidade de Viena, com o objetivo de estudar Direito, mas optou pela medicina devido ser umas das poucas profissões que poderiam ser exercidas por um judeu. No entanto, seu interesse era compreender as questões do saber universal. Em 1881, ao finalizar o curso de medicina, Freud se especializou em Neurologia, dedicando-se por um longo período ao trabalho em um hospital neurológico para crianças voltado para a paralisia cerebral.

Durante o século XIX, no início da sua carreira, Freud conheceu vários medicamentos que prometiam a cura dos pacientes acometido por diversas doenças, entre esses medicamentos estava o uso da Cocaína que, embora atualmente seja uma substância maléfica a saúde, naquela época era encarada como medicamento que aliviava as dores, saciava a fome, tornava eloquente os envergonhados entre outros efeitos causados pelo seu uso (ALFARO, 2017).

Porém, depois de um episódio que envolverá um grande amigo seu, Freud sofreu severas críticas por parte dos membros da comunidade científica devido ao uso de substâncias nos seus pacientes, isso porque durante a internação desse colega, após um acidente, Sigmund receitou pequenas doses de cocaína para aliviar a dor sentida pelo seu paciente. Por conta do uso diariamente da substância, após pouco tempo seu colega já não conseguia ter suas dores aliviadas apenas pela morfina, ficando assim dependente da cocaína. Esse fato fez com que Freud admitisse seu erro e escrevesse um artigo suspendendo o uso da droga nos doentes adictos (PICCINI, 1986, p.18).

Conforme o exposto, Freud não sabia que o uso exacerbado dessa substância ocasionaria dependência entre seus pacientes, e tão pouco a utilização dessa droga viria causar-lhe grandes frustrações tanto em sua vida pessoal quanto profissional. As importantes conclusões de Freud sobre os casos vivenciados por ele e sobre os seus métodos catárticos deram origem à Ciência que estuda a fundo o comportamento mental do sujeito: a Psicanálise (PICCINI, 1986).

A autora ainda salienta que a técnica psicanalítica foi sendo aperfeiçoada gradativamente através do contato direto de Freud com seus pacientes, a fim de compreendê-los e ajudá-los de maneira mais eficaz. A audácia do psicanalista em explorar partes da mente humana, até então nunca descoberta, fez com que ele se

valesse de várias técnicas que ao longo do tempo passaram por significativas evoluções, caracterizadas em hipnoscopia e o método de associação livre.

Segundo Assis (2017), conhecido como o pai da psicanálise, Freud contribuiu de forma significativa para o estudo da psique humana, porém seus estudos não são voltados apenas para essa área, já que repercute também na área da psicoterapia. Durante o período de seus estudos em medicina, Freud, se interessou pela bacteriologia, um tipo de pesquisa que tem como função o dessecamento de enguias machos para o seu estudo reprodutivo. Depois se dedicou aos estudos que faziam comparação da estrutura do cérebro humano com as de outros animais, o que deu início ao estudo da psicanálise.

Devido a insatisfação de Freud diante dos métodos convencionais (estimulação elétrica, hidroterapia) nos pacientes daquela época, ele decidiu fazer suas investigações da mente humana através do método de associação livre, como já mencionado. Isso porque, segundo Piccini (1986), Freud achava desnecessário e muito invasivo os métodos naquela época.

Em 1881, após nove anos de sua graduação, Freud conseguiu formar-se em medicina atuando no hospital de Viena. Focado nos estudos do campo neurológico, ele logo começou a realizar várias palestras na área da medicina.

Freud, o grande criador da Psicanálise, tem seus conceitos lembrados, nos dias atuais, numa extensão que abrange do saber acadêmico e científico as ideias populares veiculadas em filmes, revistas, telenovelas e conversas casuais. [...] a teoria da mente inconsciente e da sexualidade, constitui, em última instância, o grande diferencial da psicanálise, o seu particular campo de investigação. Esses estudos comportam em seu bojo os conhecimentos profundos do psiquismo humano: suas origens, constituição e forma de atuação (ASSIS, 2007, p. 17).

Dessa forma, entende-se que embora a psicanálise não seja considerada ainda uma ciência. Seus conceitos não deixam de ser revisados em qualquer período que vivemos, e principalmente é considerada como uma maneira de entender o comportamento e as origens de da mente humana.

As descobertas de Freud e as suas contribuições não cessaram por aí. Durante sua vida, ele foi pesquisador e observador incansável. Dessa maneira, suas teorias foram construídas, ampliadas, revisadas e reformuladas no decorrer de sua existência. O nome de Freud entra, dessa forma, para a história como um dos poucos capazes de construir um corte epistemológico, ou seja, um corte de conhecimento,

que delineia a fronteira do antes e do depois da descoberta e da reestruturação teórica.

Após Freud, portanto, foi lançado um novo olhar de mundo, um novo entendimento sobre os seres humanos, suas intra e inter-relações pessoais, a respeito das relações familiares, escolares e nos demais grupos sociais, enfim, uma nova compreensão sobre a sociedade e a cultura.

Antes de se desenvolver em psicanálise o recém-formado em medicina se interessou também por pesquisas, e foi em uma desses estudos que conseguiu detalhar minuciosamente o funcionamento do sistema reprodutor das enguias, no entanto ao finalizar o curso em 1881, ele não conseguiu concretizar seus objetivos, devido a carreira escolhida também ser restrita aos judeus.

Apesar dessas restrições, Sigmund dedicou-se aos estudos na área de fisiologia e anatomia. Em 1886, Freud atendeu seus primeiros pacientes com a utilização do método hipnótico em um consultório que conseguira abrir. Método esse que aprendeu com seu mestre Jean Martins Charcot, durante um intercâmbio que fez pela França. Freud pôde, então, observar que em um estado hipnótico o paciente conseguia lembrar-se de vivências que não lhe vinham à mente quando estava em estado de vigília (ASSIS, 2007).

Assim sendo, Koguchi (2017) esclarece que as principais teorias freudianas tiveram grandes repercussões. As pesquisas referentes ao funcionamento da mente psíquica ganharam notoriedade quando o psicanalista conceituou essas doenças como fruto de desejos inconscientes, sentimentos dolorosos e que pelo fato de não poder serem expulsos da memória, eles são transferidos do consciente para o lado inconsciente da mente humana, manifestam mais tarde através de lapsos e sonhos.

Novamente, dentre suas análises, chegou a concluir que somos parte de uma sociedade e geralmente convivemos com medo dos julgamentos alheios, os seres humanos reprimem seus desejos fortemente que, mesmo manifestados em sonhos, tais desejos às vezes só conseguem alcançar quando permanecem disfarçados em alguma instância- chegando até mesmo a se manifestar de forma oposta ao que desejamos devido estarmos em negação [...] querendo escondê-lo de terceiros e, principalmente, de nós mesmos (FREUD 2016,p. 14).

Embora Freud tivesse desenvolvido suas teorias a respeito da psiqué humana, ele não deixou de ser alvo de questionamentos sobre seus estudos e métodos de ajuda aos pacientes que sofriam de psicose, e principalmente por ser Judeu em uma

época que as ideias nazistas estavam em alta. Todos esses questionamentos fizeram com que o psicanalista saísse da Cidade de Viena e fosse residir em Londres. Antes que essa mudança ocorresse, grande parte das obras do psicanalista foram queimadas, mas isso não foi motivo para interromper seus estudos sobre o comportamento da mente humana.

Para explicar o inconsciente do sujeito, Freud (2016) valesse da metáfora do Iceberg. Para entender melhor, o psicanalista explica que a ponta do iceberg, que está emergida, é a consciência do indivíduo bem pequena, onde estão armazenadas as percepções e o cognitivo cotidiano. Em seguida, abaixo do nível consciente, encontra-se o pré-consciente ou subconsciente.

Nesse nível, todas as informações contidas requerem um pouco de trabalho para serem acessadas, isso porque trata-se de lembranças que estão profundamente guardadas nessa área, tais como; lembranças de infância, nome de algum amigo e outros tipos de recordações. Quanto ao inconsciente ele é incrivelmente grande e consiste das camadas enterradas e inacessíveis da personalidade do indivíduo. Nesse sentido, o inconsciente é entendido como o lado obscuro da mente humana, onde as lembranças e desejos irracionais são armazenados.

Ainda no inconsciente [...] habitam as pulsões instintivas biológicas que orientam nosso comportamento e nos direcionam para as opções que poderiam satisfazer nossas necessidades básicas, garantindo assim nossa sobrevivência: a necessidade de se alimentar, a necessidade de encontrar calor e abrigo e, claro o desejo sexual que atua como perpetuador da espécie (ANDRADE; MARCO, 2016, p. 51).

Conforme o exposto, Freud afirma que a mente humana é um iceberg que flutua com um sétimo de seu volume acima da superfície, deixando claro a sua ideia sobre a existência do consciente e inconsciente. Embora ele defendesse esse pensamento durante muito tempo, o psicanalista abandonou esses conceitos de estruturação da mente, propondo uma nova estrutura denominada de: Id. Ego e Superego, que serão explicados nos próximos capítulos. Mas, a princípio, vale ressaltar que essa nova estrutura foi desenvolvida para explicar os conflitos vivenciados pela mente humana ligados ao sofrimento que o indivíduo passa a viver e a conviver em estados leves e graves de depressão, neuroses e outros tipos de sentimentos não agradáveis.

A Psicanálise busca entender através de seus estudos como a mente do ser humano fica a mercê desse conjunto de distúrbios e o que pode ser feito para amenizar essa situação. Quando se fala em psicanálise, logo surge a ideia de uma

ciência limitada apenas ao campo da medicina, porém essa área estudada por Freud também é estendida na área da educação escolar, embora ele não tenha se aprofundado por completo nesse ramo.

Enquanto investigava as causas e o funcionamento dos desconcertos mentais, Freud concluiu que grande parte dos pensamentos e dos desejos reprimidos se referiam a conflitos de origem sexual, que estariam localizados nos primeiros anos de vida do sujeito, ou seja, experiências provavelmente traumáticas na fase infantil, reprimidas que surgiam como sintomas já na fase adulta, marcando de vez a estruturação do indivíduo (BACK, 2016).

A sociedade puritana da época considerou um ultraje Freud caracterizar a fase infantil, ou seja, a fase mais “inocente” dos seres humanos dessa forma. Ainda assim, Freud afirmou a existência da função sexual desde o princípio da vida, logo após o nascimento, assim como, afirmou que o processo de desenvolvimento da sexualidade é longo, até chegar à fase adulta, contrariando as ideias predominantes da época de que o sexo estava relacionado único e exclusivamente para a reprodução da espécie (FREUD, 2016, p. 63-64).

Levando em consideração essa teoria, em relação aos primeiros anos de vida do sujeito, Freud afirma que a função sexual está ligada à própria sobrevivência do homem, por tanto o prazer seria encontrado no próprio corpo do sujeito.

Segundo Andrade e Marco (2016) Freud classificou, assim, o desenvolvimento progressivo como fase oral, fase anal, fase latência, fase fálica e fase genital. Porém, essas afirmações causaram grandes escândalos na sociedade daquela época que não se conformava com a maneira com que Freud tratava o assunto. Assim, tais fases se relacionam à prevalência de uma precisa pulsão parcial, responsável pelo surgimento do interesse correspondente a ela. É notório que as bases para a descrição das fases de desenvolvimento do ser humano são de cunho freudiano e que teve reformulações feitas pelos seus discípulos.

Dentre seus estudos, Sigmund desenvolveu outros trabalhos que afetariam a psicologia por décadas, entre seus trabalhos mais famosos estão: Interpretação dos sonhos que são comentários feitos a respeito do inconsciente dinâmico e a mais famosa obra Teoria da sexualidade.

No primeiro trabalho, o psicanalista defende que as imagens oníricas estão associadas a desejos e pensamentos reprimidos que insistem em manifestar-se

através dos sonhos, que segundo Kleinman (2015) é dividido em dois componentes: Conteúdo manifesto e o Conteúdo latente.

Nos sonhos, há dois tipos de conteúdo. O manifesto (...) que aparece no sonho e se pode relatar dele, ou seja, toda e qualquer imagem que surja, mesmo que não faça sentido no primeiro momento. Já o conteúdo latente é a suposta Freudiana de que o material apresentado no sonho, no relato sobre ele e na associação livre a partir dele, possa advir em uma fala baseada de elementos do sonho que já operam no sonhador, mas que existiam sob forma de inconsciente (KOGUCHI, 2017, p.13)

O primeiro item é classificado dessa forma devido o indivíduo conseguir recordar-se das imagens que passaram em sua mente durante o período em que estava dormindo. Quanto ao Conteúdo latente ou secundário é uma tentativa do consciente impor uma organização nos sonhos incoerentes, considerados alucinações que ocorre devido acontecimentos do dia anterior ao sonhos.

Dessa forma, entende-se que os desejos inconscientes se propendem a uma concretização, reconstruindo os sinais ligados às primeiras vivências de satisfação, através do processo primário. O inconsciente é o ponto central dos estudos Psicanalíticos, a sua pedra angular, na qual se detém toda a descoberta freudiana. Através das experiências, Freud chegou à conclusão de que o psiquismo não se limita ao consciente e que certos conteúdos só são possíveis à consciência se forem primeiramente superados (LAPLANCHE; PONTALIS, 2021).

O Id, conceito formulado após 1920, na segunda tópica freudiana do aparelho psíquico, é a instância que tem o inconsciente como seu equivalente. O Id é o eixo primordial da personalidade, onde se localiza o campo pulsional, reservatório e fonte de energia psíquica (CORDEIRO, 2010). Freud intensificou a sua teoria, por meio dessa obra, afirmando que os traumas do sujeito surgem representados pelos sonhos, nos quais revelam experiências não proveitosas. Essa teoria pode ser experimentada nos sobreviventes da guerra, que passaram por momentos complicados que revelaram-se por meio dos sonhos.

Em outra obra denominada de “A negação” publicada em 1925, Freud descreve as investigações da linguagem. Por exemplo, em vários momentos uma negação pode corresponder apenas a uma afirmação disfarçada. Na referida obra, Freud abordou, de maneira intensificada, o meio como o sujeito utiliza equivocadamente as figuras de linguagem como forma de se proteger da verdade, onde um “não” pode ser um “sim” e um “sim” pode ser um “não” (BACK, 2016).

O inconsciente se revela num ato que surpreende e ultrapassa a intenção daquele que fala, de modo que o sujeito diz mais do que pretende dizer e, ao dizer, revela a sua verdade. O “dizer mais” produz e faz com que o inconsciente exista e, para que o ato de existência do inconsciente se efetive é necessária a existência de um sujeito que o escute e o reconheça. Este sujeito é, portanto, o psicanalista (CORDEIRO, 2010, p. 05).

Nesse sentido, entende-se que o inconsciente é uma parte onde fica armazenada todas as informações que não podem ser acessadas de imediato pela consciência, que por sua vez apresenta um grande número de lacunas. seja em um sujeito sadio ou doente, ocorrem atos psíquicos, para os quais a consciência não disponibiliza explicações. Algumas dessas lacunas são as lembranças escondidas, os atos falhos, os sonhos e os sintomas psíquicos que só podem ser acessados por meio do inconsciente.

Segundo Cordeiro (2010) os atos falhos ou lapsos passaram a ser um dos principais fenômenos para os quais Freud intensificou sua atenção. Eles são indícios verdadeiros do determinado psiquismo e dos motivos inconscientes, ou seja, que determinados comportamentos possuem um significado e não ocorrem de maneira aleatória. Todos os atos falhos baseiam-se no esquecimento, mas nenhum sujeito sadio está alheio a tais esquecimentos.

Freud demonstrou que os atos falhos possuem compromisso entre a intenção do homem e o recalque. Dessa forma, o ato falho é considerado um ato bem sucedido em relação ao nível do inconsciente, devido o desejo inconsciente concretizar-se nele de uma certa maneira clara e nítida numa análise (CORDEIRO, 2010).

Ainda conforme o autor, Freud se dedicou nos estudos para interpretar o que estava por trás dos recalques humanos. Durante a infância, as lembranças indiferentes aparecem por meio do processo de deslocamento, ou seja, as lembranças não significativas anulam as lembranças importantes, cuja recordação não seria prazerosa e acabam sendo impedidas pela resistência, mas tornando-se possível por meio de uma análise (CORDEIRO, 2010).

Segundo Freud, portanto, o inconsciente abriga uma série de forças conflitantes, além, é claro das pulsões de vida e morte e das emoções reprimidas, recalçadas, conforme já vimos, mas também essas contradições inerentes à compreensão da realidade consciente, da mente em vigília, envolta pela realidade reprimida. Como consequência dessas contradições e repreensões, os seres humanos entram no conflito psicológico diretamente humano, onde passam a viver e conviver em estados leves ou graves de depressão, ligado ao sofrimento humano, onde passam a conviver em

estados leves ou graves de depressão, neurose, angústia e tantas outras formas de insatisfação (BACK, 2016, p. 55).

Conforme o exposto, o inconsciente não é tão fácil de ser acessado, e os conflitos experienciados internamente se tornam aparentes nos sintomas que se apresentam na área consciente causando certas vezes um sofrimento emocional como consequências de tais conflitos internos vivenciados pelo sujeito.

Quase todos os sonhos atuam como “realizadores de desejos”, ou seja, os sonhos revelam um desejo profundo que espera emergir e ser realizado. Apesar de os sonhos terem uma reputação de serem fantasiosos e aleatórios, para Freud, eles contam uma “história”, ainda que utilizando de pessoas distintas, eventos até desconhecidos e sensações diversas, pois buscam unificar tudo isso. Freud afirmou que os sonhos possivelmente têm camadas múltiplas de significado e, portanto, podem conter em uma única imagem uma série de ideias distintas que podem se deslocar facilmente [...] (BACK, 2016, p. 47).

Dessa forma, entende-se que quando sonhamos, geralmente é trazido à tona os eventos grandes que em si, que experienciamos e de forma detalhada. Os sonhos, segundo a afirmação acima, trazem detalhes que muitas vezes passam despercebidos durante o momento de vigília do ser humano, o que muitas vezes podem ter sentido ou não.

Devido a tal pressuposto, o da existência de um continente praticamente acessado da ‘alma’ humana, abriu todo um leque de possibilidades de estudos científicos e psicanalíticos para o pioneiro da Psicanálise e seus seguidores. Trabalho esse que tem uma grande significância para os tempos modernos. Diante dessa grande importância, a interpretação dos sonhos é considerada uma das obras fundadoras da contemporaneidade e que mais influenciaram o pensamento do século XX (ASSIS, 2017).

Diante de vários estudos para entender o funcionamento da mente humana, Freud não se limitou apenas a algumas obras literárias para descrever suas teorias. Em um dos seus fundamentos biológicos da libido e da agressividade, Freud demonstra que a repressão e a sublimação dos instintos sexuais, bem como sua canalização para o mundo do trabalho, constituem as principais causas das doenças psíquicas de nossa época (LAPLANCHE; PONTALIS, 2021).

A teoria Psicanalítica de Freud é abrangente e vasta. Não explica apenas uma parte do problema mental, mas o que causa e como tratar os problemas que adoecem a mente humana. Freud não se apropriou de nenhuma ideia, inventado o que se

tornou conhecido como “a cura pela fala” ou Psicanálise. Seu ponto de partida é a ideia de que desconhecemos grande parte do que ocorre na mente humana. Na maior parte do tempo, o sujeito não sabe o que está pensando e nem o porquê de estar agindo de determinada forma. Ainda que se possa apresentar possíveis justificativas para determinado pensamento ou ato (TOMLEY, 2020).

O pioneirismo de Freud nesse tema permitiu-lhe classificar a estrutura da mente como formada pelo consciente, inconsciente e pré-consciente, tornando popular a ideia do inconsciente e introduzindo ao grande público a noção de que essa seria a parte de nossa mente que explica e também que define todos os mecanismos que nos permitem pensar e sentir (BACK, 2016, p. 49).

Conforme o exposto, a eterna conversa que se desenrola dentro da mente está atribuída ao estado consciente onde permanecem diversas armazenagens do inconsciente, que ditam o comportamento do sujeito. Ou seja, nesse caso o consciente fica totalmente à mercê do inconsciente. Isso acontece porque o inconsciente é tido como o mecanismo que abrange tudo aquilo que mantém um saber ativo; em outra dimensão tem-se o pré-consciente onde estão armazenadas as lembranças que não foram reprimidas, e que de certa forma podem surgir a qualquer momento.

Conforme Tomley (2020), a psicanálise de Freud se resume na área que busca pela verdade, que supostamente está além da mente consciente, racional. as terapias que surgiram mais tarde, como por exemplo; a Terapia Cognitiva Comportamental, dão a entender que os problemas psicológicos podem ser solucionados ao se abordar somente os sintomas conscientes. Os problemas mentais são causados por traumas que de certa forma ficaram guardados no inconsciente, e que podem vir à tona a qualquer momento, causando assim, certos problemas na mente humana.

Freud, quis dar ao inconsciente uma abrangência ímpar, acabando por estendê-lo do ambiente restrito da patologia neurótica à todas as regiões das mais legítimas produções humanas. Nenhuma de nossas ações, escolhas, tendências, desejos escapam à ação do inconsciente, o que faz com que a fronteira tão rígida entre normal e patológico, construída outrora pelo saber, se torne algo inexistente (COUTINHO, 2000, p.13).

Para a Psicanálise, o fator primordial não é criar nem transferir algo, mas trazer à consciência à tona e assumir o controle dela, e assim orientá-la nos processos

psíquicos à meta esperada. O inconsciente é visto como o local de armazenamentos de informações, que quando acessadas podem apontar a causa da histeria.

Para Evalte (2010) é no inconsciente que guardamos repressões e lembranças que não temos controle. Dessa forma, em uma relação em que onde existe uma sintonia forte entre duas pessoas é possível que, por esse sujeito ter convivido diariamente com o outro, havendo então confiança, transfere-se para ela, inconscientemente, uma lembrança ou retaliação esvaziando o sentido desse sujeito, tornando-a outra. Daí, diz reviver não no presente, pois ali já não está apenas uma pessoa, mas ela atribuída de sentido pelo outro.

Dessa forma, pode-se perceber que conforme a psicanálise, a transferência que ocorre de um sujeito para o outro necessita de um vínculo afetivo para que se possa estabelecer. Porém, não somente isso, o inconsciente busca agarrar-se a 'formas' para depois esvaziá-las, e aí, sim conferir o sentido que lhe é interessante.

A partir das descobertas de Freud, novos conceitos psicanalistas foram surgindo para tentar justificar o comportamento mental do sujeito, entre eles; o Inconsciente, onde estão armazenadas as informações obscuras e que só podem ser acessadas com tratamento; Experiências infantis iniciais, caracterizado pelos desejos apaixonados, impulsos indomáveis e ansiedade infantis; Desenvolvimento psicosexual, caracteriza-se pela maturação progressiva das funções corporais centradas nas zonas erógenas e que estruturam a o desenvolvimento da mente da criança; Complexo de Édipo distingue-se pelos ciúmes e rivalidade existente entre os pares de gênero diferentes (EVALTE, 2010).

O autor ainda segue conceituando sobre a Repressão, entendida como o mantimento das fantasias perigosas relacionada a infância e que ainda não foram superadas; Sonhos satisfeitos de desejos caracteriza-se pelas fantasias sexuais infantis, e que surgem por meios de sonhos estranhos, denominado por Freud de caminho real para o inconsciente; Transferência, que corresponde a confiança que o paciente tem em seu analista.

Essa confiança faz com que o paciente revele todos os seus conflitos e medos como se dentro de uma relação pai e filho; Associação livre, descreve o aparecimento de pensamentos e fantasias quando elas não estão impedidas pelas imposições da vergonha e do medo. É o último conceito refere-se ao Ego, Id e o Super ego, que juntos exercem a repreensão, o impulso e a consciência.

Com o tempo Freud aprendeu que todos os sintomas neuróticos eram mensageiros que carregavam, ainda que inconscientemente, conteúdos psíquicos reprimidos. Isto o levou a desenvolver “sua cura” pela fala que revolucionou a interação entre paciente e terapeuta. (LEITE, 2020, p. 23).

Freud, o grande inventor da psicanálise, tem seus conceitos lembrados nos dias atuais, com uma dimensão que abrange do saber acadêmico e científico às idealizações criadas a partir de filmes, revistas, e conversas casuais. Freud, buscava, através de seus estudos, encontrar meios que viessem ser úteis para a compreensão dos sintomas neuróticos e também para ajudar no processo da cura.

Os estudos psicanalíticos de Freud, passaram a ganhar ainda mais notoriedade quando Lacan, seu discipulado, acrescentou no corpo da psicanálise estudos que enfatizam a força do inconsciente causador do psiquismo e do comportamento cotidiano (ASSIS, 2010). Conforme discorre a autora, Lacan deixou várias contribuições para o entendimento do psiquismo humano em geral. Conhecedor dos postulados freudiano, Lacan em um de seus discursos analíticos define que o funcionamento do inconsciente é representado por duas expressões advindas da Linguística; Significante e significado. Significante é a estrutura acústica da palavra, enquanto significado é o conceito ou a representação mental que o sujeito tem sobre ela.

Freud, apesar de ser chamado de “charlatão”, em algumas das críticas mais duras de seu trabalho, o valor de sua contribuição é inegável e eficiente para aquele que passa pelo processo da psicanálise. As duras críticas sofridas por Freud se dava pelos confrontos e alegações de que a psicanálise tinha surgido de forma impostora, ou seja, o austríaco converteu suas experiências pessoais em tese e tentou aplicar no indivíduo para tentar mascarar as falhas presentes em suas técnicas. (ALFARO, 2017)

Por outro lado, os defensores das composições Freudiana garantem que as técnicas desenvolvidas por ele existem há mais de um século. Então por que um estudo possuidor de elementos (teoria, método e técnica) ultrapassou esse tempo e ainda promove eficiência inegável nos consultórios? A autora responde a própria indagação afirmando, que a Psicanálise é um saber e todo saber tem suas regras inerentes de funcionamento e referências teóricas próprias da construção do saber. (ALFARO, 2017).

A curiosidade epistemológica de Freud em conhecer a psique humana o levou a confrontar, ao longo de sua trajetória, componentes obscuros,

arcaicos da psique humana, o levando as profundezas da mente do ser humano. Até então, nunca nenhum homem havia chegado a tamanha profundidade na compreensão da psique humana (BREVIGLIERI, 2018, P. 16).

Esse percurso trabalhoso de entender o funcionamento da mente humana criado por Freud, acarretou uma nova ciência, ligada a outras, como a psicologia, a medicina, a neurociência e as outras disciplinas filosóficas, a “Psicanálise”. O principal conceito, que possibilitou que o edifício da psicanálise se desenvolvesse e ganhasse uma grande compreensão psicodinâmica do sujeito, foi o inconsciente. Na teoria de Freud, mais do que conhecer aquilo que é perceptível, é aquilo que está além do consciente humano.

Ainda conforme Breviglieri (2018), os estudos sobre o inconsciente humano sofreram várias mudanças desde que surgiu. Algumas dessas alterações ocorreram ainda quando Freud estava vivo, outras após a morte do criador da Psicanálise, uma vez que essa última nunca parou de se desenvolver e de se transformar, em razão de inúmeras colaborações de autores que dedicaram a vida em dar prosseguimento ao trabalho de Freud.

Mais de um século depois do surgimento da teoria psicanalítica, são poucas as pessoas que nunca ouviram falar, pelo menos, sobre a grandiosidade de Sigmund Freud. Tamanho reconhecimento não é para menos: o austríaco reúne até hoje milhares de seguidores e verdadeiros discípulos de suas ideias (BIASON, 2017, p. 24).

Assim, foi crucial para a psicanálise e principalmente para seu criador, que os estudos voltados para ela não desaparecessem ao longo do tempo. Até mesmo o pai da Psicanálise vislumbra novos horizontes que as suas teorias e métodos poderiam tomar, desde que fossem fiéis aos pilares desenvolvidos por ele. É interessante ressaltar mais uma vez que, após a morte do patrono da psicanálise, a sociedade psicanalítica passou por grandes divergências em relação às disputas pela autenticidade científica de Freud.

Breviglieri (2018) afirma que após a morte de Sigmund Freud, a disputa pela fidedignidade às teorias e práticas do patrono da psicanálise trouxe contribuições relevantes para a compreensão da psique humana, pois é graças a esses movimentos dialéticos que a Psicanálise tem as teorizações reconhecidas até hoje. Os umbrais do inconsciente ainda permanecem abertos para que novos contribuintes se debruçam sob sua análise por meios de suas experiências clínicas e teorizações.

1.3 DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM NAS TEORIAS

Os trabalhos de Piaget em relação ao desenvolvimento cognitivo são calcados em teorias que tratam do desenvolvimento geral do ser humano. Para isso, Piaget propôs uma série de estágios evidenciados em diferenças qualitativas. O médico acreditava que as crianças nasciam com uma estrutura mental básica que é responsável pela aprendizagem. A partir desse pressuposto, ele explica que as crianças conseguem ter uma percepção do que está sendo vivido por ela e o que ainda está por ser descoberto. Para entender melhor esse desenvolvimento cognitivo, Piaget os divide em três componentes diferentes: Esquemas; Processos que permitem fazer a transição de um estágio para outro e Estágio de desenvolvimento (KLEINMAN, 2015).

Ainda de acordo com o autor, na fase esquemas tem-se uma série de representações interligadas que são conceitos básicos conectados ao mundo com a finalidade de fazer com que a criança identifique o formato de cada elemento que a circunda.

[...] o esquema é um elemento que leva à formação da personalidade da criança, [...] a própria criança tem a oportunidade de perceber-se e perceber as coisas ao seu redor, com a capacidade também de perceber os seres, em função de sua pessoa (FREITAS, 2011, p. 228).

Os esquemas são armazenados de forma que possam ser utilizados pelo sujeito em determinadas situações, por exemplo; um pai mostra a figura de um cão para o filho, em seguida a criança criará um esquema do que é um cão. “Quando a criança começa a coordenar seus esquemas, organizando suas ações em tempo e no espaço, surge o que Piaget chama de lógica das ações [...]. (PALANGANA, 2015, p. 09). É através dessa organização que a criança passa a ter noção de causalidade, velocidade, constância de objeto, das quais resultam a construção do real. Cabe ressaltar que, alguns esquemas são geneticamente programados pela criança, ou seja, o ato de querer sugar as coisas é provocado pelo impulso

Nesse sentido, é através desse funcionamento que a criança desenvolve sua capacidade para distinguir o que é plano abstrato e plano concreto. Daí conclui a ideia de Piaget em dizer que a organização do pensamento humano não se transmite hereditariamente, ou seja, essa organização funcional acontece individualmente graças as decorrentes situações de interação.

Retornando ao pensamento de Kleinman (2015), no que confere ao processo de transição de um estágio para o outro, ele é feito de duas maneiras: através da assimilação que é quando o esquema passa ser aplicado. Para entender melhor, considere o exemplo anterior em que a criança esquematizou a imagem de um cão. As características são vistas por ela, mas novas informações surgem no decorrer do contato que a criança tem com o animal. O cão é peludo; o cão lambe entre outras características que não foram apresentadas anteriormente. Nesse processo, surge o desequilíbrio de informações que logo são recuperadas à medida que são agregadas ao esquema original, graças ao estado que Piaget denominou de acomodação.

[...] o desenvolvimento individual é, na verdade, resultado de múltiplas atividades em seus aspectos de exercícios, de experiência e de ação, entre outros. A coordenação dessas ações pressupõe um sistema de autorregulação ou de equilíbrio que dependerá tanto das circunstâncias como das potencialidades epigenéticas (PALANGANA, 2015, p.13).

Considerando esses aspectos, quando a assimilação e acomodação estão em sintonia, o sujeito está equilibrado e apto a receber novas informações. Em outro momento, quando esses elementos não estão em harmonia, as estruturas intelectuais disponíveis ficam comprometidas impedindo a assimilação de novas informações. É por meio desse processo inacabável de equilíbrio e desequilíbrio que ocorre a construção e a progressão do conhecimento.

Quanto ao estágio de desenvolvimento, Piaget acreditava que a cognição se desenvolve em quatro estágios gradativos independente da cultura da criança, e que algumas jamais chegarão aos estágios mais avançados. Nessa categoria encontra-se o Sensório-motor (0-2 anos) quando o bebê começa a ter as percepções de mundo e a explorar tudo o que está a sua volta; A fase Pré-operatória, (2 a 7 anos) conhecido também como o estágio egocêntrico, onde a criança é incapaz de compreender a ideia do outro; Operações concretas (7 a 11 anos) a criança não consegue raciocinar hipoteticamente, mas consegue construir pensamentos lógicos; Operações formais (11 anos em diante) esse último estágio compreende o adolescente como um ser dotada de raciocínio dedutivo e capaz de manipular ideias (KLEINMAN, 2015).

Assim sendo, Palangana (2015), afirma que ao contrário dos outros estágios de desenvolvimento, o estágio operatório-formal apresenta várias possibilidades para o adolescente, fazendo com que ele questione as limitações impostas pelo mundo. É nessa fase que os esquemas de raciocínio sofrem transformações, ocasionado pela

inclusão do modelo hipotético-dedutivo. Conforme Piaget (1967, p. 64) “é nessa fase que ocorre a liberdade do pensamento, quando a realidade torna-se secundária frente à possibilidade”. Com o equilíbrio mais amplo e flexível, o adolescente passa a fazer combinações entre proposições inversas e recíprocas.

Ainda conforme o autor, o nível operatório-formal apresenta estruturas novas que faz com que o adolescente emita seu próprio ponto de vista acerca de determinado assunto. Lembrando que as fases de desenvolvimento, criadas por Piaget, não ficam limitadas apenas a essa estrutura, uma vez que é nessa última fase que ocorre o respaldo de toda a ação dos adultos na resolução dos problemas.

Segundo Ferracioli (1999), os estudos piagetianos sobre a inteligência humana, estão relacionados à natureza biológica. O interesse por explicar o funcionamento da aprendizagem humana, fez o sueco acreditar que a inteligência depende do próprio meio para a sua construção, graças às trocas do organismo e o meio.

Em uma de suas obras, Piaget esclarece sobre a construção da inteligência, que se dá por meio da linguagem. “A linguagem faz parte de uma função ampla, que é a capacidade de representar a realidade através de significados que se distinguem de significantes” (RABELLO; PASSOS, 2004, p. 09). Essa representação inicia no estágio pré-operatório, quando a criança está com todos os seus esquemas de assimilação organizados prontos para serem representados por meio da linguagem.

Cabe ressaltar, que os estudos piagetianos entendem o desenvolvimento e aprendizagem como elementos interligados, mas cada um com definições distintas, pois para Piaget o desenvolvimento é um processo que diz respeito a estrutura de conhecimento, já aprendizagem é o conhecimento adquirido de forma não espontânea. Assim, entende-se que o desenvolvimento é fundamental e dá suporte à aprendizagem. Para Piaget, o indivíduo é dotado de uma estrutura mental em que o sujeito assimila o estímulo, e após essa assimilação ele emite uma resposta que confere ao aprendizado da nova experiência (FERRACIOLI, 1999).

Embora a definição de aprendizagem seja referente a aquisição do conhecimento, existem diversos conceitos que classificam e diferem essa aquisição, entre elas: a percepção, a compreensão imediata; aprendizagem no sentido restrito; indução e coerência pré-operatória. Mas segundo Galvão (1995) nem toda a aprendizagem é constituída de experiência, pois existe a aprendizagem que evolui ao longo do tempo como a aprendizagem por meio da assimilação e acomodação. Daí, pensar que o conceito de aprendizagem tem um sentido amplo. Ela é inesgotável e

associada com o processo de equilíbrio geram o desenvolvimento intelectual do sujeito.

Influenciado pelas teorias de Piaget, Vygotsky destacou-se em seus estudos sobre a educação e o desenvolvimento infantil. Ele acreditava que o desenvolvimento da mente humana dava-se a partir do contato social com a utilização da fala e da capacidade de escrever. Para Vygotsky, o desenvolvimento dessas ferramentas é essencial para que a criança possa transmitir a suas necessidades para com os outros, e quando essas ferramentas são internalizadas os resultados surgem como uma espécie de pensamento superior (KLEINMAN, 2015).

Ainda de acordo com o autor, o aprendizado da criança ocorre de forma gradativa quando elas estão em contato com seus pais e professores, e que esse processo pode ocorrer de maneira diferenciada conforme a cultura de cada um. Vygotsky acreditava que o desenvolvimento social da criança transcorre de três grandes temas: No primeiro tema encontra-se o desenvolvimento cognitivo, que gerou uma certa divergência entre Piaget e Vygotsky, pois enquanto Piaget afirmava que o desenvolvimento vem antes da aprendizagem, Vygotsky acreditava no oposto, ou seja, a aprendizagem vem antes do desenvolvimento, nesse caso a criança desenvolve uma interação social, denominada de Interpsicológico para depois ela assumir as informações em um nível pessoal, chamado de intrapsicológico.

O segundo tema, Vygotsky descreveu que o sujeito munido de conhecimento tem mais compreensão do que aquele que está aprendendo independente do sujeito ter um grau maior de conhecimento, ou ser mais novo que o aprendiz. E o último grande tema na teoria do desenvolvimento social de Vygotsky trata-se da Zona Proximal de Desenvolvimento, que refere-se à distância entre a capacidade do sujeito que está aprendendo por intermédio de outra pessoa e a habilidade que o indivíduo tem para resolver qualquer problema por conta própria.

É justamente nesta zona de desenvolvimento proximal que a aprendizagem vai ocorrer. A função de um educador escolar, por exemplo, seria, então, a de favorecer essa aprendizagem, servindo de mediador entre a criança e o mundo. [...] é no âmago das interações no interior do coletivo, das relações com o outro, que a criança terá condições de construir suas próprias estruturas psicológicas (RABELLO; PASSOS, 2004, p. 05).

Dentre os temas desenvolvidos por Vygotsky, é através da ZDP (Zona de Desenvolvimento Proximal que pode-se delinear o futuro e o estado dinâmico da

criança favorecendo, assim, o acesso não somente ao que ela aprendeu, mas também o que ainda ela está aprendendo. Cabe lembrar, que o estado de desenvolvimento mental do sujeito só será determinado quando o nível de desenvolvimento real e a zona de desenvolvimento proximal forem revelados, isto é, quando elas forem capazes de realizar algo por si próprias sem a intervenção do mediador.

Dessa forma, embora o aprendizado e o desenvolvimento façam parte do crescimento mental da criança, esses elementos ainda geram grandes problemas quando não olhado sobre o prisma de que o aprendizado da criança inicia muito antes de elas frequentarem uma sala de aula, embora alguns psicólogos insistam que o aprendizado inicia na pré-escola. Daí o motivo de muitos embasamentos teóricos serem vagos, por desconsiderar por completo o conhecimento prévio da criança. Algumas literaturas psicológicas admitem que o desenvolvimento é sempre um pré-requisito para o aprendizado, e caso as funções intelectuais da criança não amadureçam, ela não será capaz de aprender um conteúdo particular, tornando toda a instrução inútil

Segundo Kleinman (2015) o processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança também se estendeu no campo da psicanálise, quando o pioneiro Freud demonstrou interesse pela pedagogia, buscando compreender sobre o desenvolvimento tanto da criança quanto do adolescente. Embora o psicanalista não tenha se aprofundado nos estudos sobre a educação, a criança tornou-se o principal objeto de seus estudos. Em suas obras é notório a preocupação de Freud pelas questões relacionadas às crianças e adolescentes. Em alguns de seus estudos sobre a sexualidade humana, ele comprovou que o desenvolvimento do sujeito se dar através de cinco fases classificadas por ele de: Fase anal; Fálica; Genital; Latência e Oral.

A sexualidade humana se desenvolve ao longo da vida, que tem sua plenitude na fase adulta. Até as manifestações sexuais ocorrem dentro de uma certa ordem por meio de cinco estágios [...]. A atividade sexual, que tem lugar numa determinada zona erógena, é abandonada para deslocar-se para outra região do corpo. Esta mudança numa ordem determinada é definida como manifestação de desenvolvimento (KOGUCHI, 2017, p. 17).

Conforme o exposto, quando ocorre algum desequilíbrio em alguma dessas fases, ou seja, quando o sujeito não a finalizar por completo, a pessoa adulta vai apresentar um comportamento desequilibrado de acordo com a fase que ela não

amadureceu. Para um melhor esclarecimento, pode-se levar em consideração um indivíduo que ficou fixado nas esferas dos desejos orais. Provavelmente ele desenvolverá um comportamento de dependência intensa do outro, além de exigir, solicitar e não conseguir se desapegar do seu objeto. Freud através dessas teorias buscou entender os problemas causados na fase adulta do sujeito devido a repressão de uma dessas fases.

Através dessas fases, Freud ligou a função sexual ao desenvolvimento do sujeito e sempre deixando enfatizado que o termo desejo sexual, mencionado por ele, não está ligado especificamente à relação sexual entre os adultos. Freud queria através dessas fases mostrar que desde os primeiros anos de vida até a uma determinada idade a personalidade do sujeito é moldada pelos desejos sexuais que envolve a libido desenvolvido em cada fase (KLEINMAN, 2016).

Dando continuidade ao conhecimento dessas fases; encontra-se a fase anal, manifestasse entre 1 e 3 anos, cuja zona de erotização é o ânus. Nesse período a criança encontra o prazer ao eliminar as fezes e a curiosidade sobre esse material; em seguida encontra-se a Fase fálica (3 a 6 anos), cuja zona de erotização são os órgãos genitais. Nessa fase, manifestasse o interesse em saber diferenciar os órgãos femininos dos masculinos.

Freud ligou essas características à curiosidade que as crianças têm em saber o porquê das coisas; Fase latência (6 a 11 anos), é a zona na qual a criança desenvolve o intelecto e seus valores sociais. É o período em que ela é impedida de manifestar seus impulsos sexuais em decorrência do papel imposto pela educação social; e a última fase denominada de Genital (11 anos) é quando inicia a puberdade e os impulsos sexuais que já não estão mais ligado ao corpo do adolescente, mas no corpo do outro. Nessa fase ocorrem os conflitos internos e todas as outras fases são deixadas para trás (FREUD, 2016, p. 64).

A última fase no modelo de Freud envolve o despertar dos impulsos sexuais e um interesse sexual no sexo oposto. Se todas as fases anteriores foram concluídas com êxito, a pessoa será atenciosa e equilibrada, e o prazer estará centrado nos genitais. Se houver fixação nessa fase, o indivíduo pode ter perversões sexuais (KLEINMAN, 2015, p. 25).

Assim, pode-se dizer que quando uma fase é interrompida ou se o sujeito fica fixado nela, ocorre o que Freud chama de “Problemas no amadurecimento”. Essa fixação ou a não conclusão dessas fases colabora para que o sujeito. Pensando

nesses impulsos sexuais que a criança sente na sua tenra idade, Freud destacou a substituição do ato por outro não sexual, ou seja, toda a energia que a criança sente derivada de um desejo libidinoso é interessante que o mediador direcionasse esses desejos para algumas práticas artísticas. Desta maneira, o psicanalista esclarece que:

O processo de sublimação irá atuar na criança satisfazendo suas curiosidades e necessidades e servindo de forma educativa. Assim buscou-se associar a sexualidade com a educação com o foco na Psicanálise como ferramenta propulsora de práticas artísticas e intelectuais, trabalhando assim o processo de repressão moral e social das pulsões sexuais no ambiente escolar (FREUD, 2016, p.71).

Além de suas concepções de desenvolvimento do sujeito, Freud acreditava também que outras forças contribuem para o desenvolvimento do indivíduo, fazendo distinções entre três partes da personalidade e da mente humana: Id, Ego e Superego, que juntos atuam como orientação nas interações do indivíduo com outras pessoas. Cada pessoa carrega consigo um Id, que é responsável pelo prazer das necessidades básicas da criança. Ele considerava o Id como “princípio do prazer”, ou seja, as vontades e os desejos de realizar algo naquele exato momento, desconsidera qualquer reflexão sobre as consequências que possam surgir.

Este componente da personalidade é o único que está presente no ser humano desde o seu nascimento. O id, característica do inconsciente, é regido pelo princípio do prazer individual; é onde se localizam as pulsões de vida e de morte [...]. Ou seja, seus esforços são voltados para que suas vontades e seus desejos sejam satisfeitos imediatamente (KOGUCHI, 2017, p. 14).

No caso da criança recém-nascida, o Id atuará como forma de chamar a atenção dos pais para uma situação que a criança não pode resolver sozinha, por exemplo; a necessidade que ela tem de lhe trocar as fraldas, necessidade de se alimentar ou até mesmo de atenção, são manifestadas através do choro. O Id é um componente indispensável no desenvolvimento do ser humano e principalmente no que compete a aprendizagem do sujeito, pois é através dele que a criança consegue fazer suas exigências e aprende que é exatamente daquela forma que ela terá seus desejos atendidos.

Quanto ao Ego, Koguchi (2017) esclarece que ele se manifesta ao longo dos primeiros três anos de idade da criança, como resultado das suas interações com o mundo. Devido a isso, o Psicanalista afirma que o ego baseava-se em algo

denominado por ele de “princípios da realidade”, ou seja, quando o Ego percebe que existem pessoas ao seu redor que também tem anseios, e que a conduta egoísta e impulsiva geram danos. Assim, o Ego pode ser considerado como o controle dos impulsos causados pelo Id. Ele é responsável por garantir que os impulsos do ID sejam realizados no momento adequado. Enquanto o ego trabalha com o controle dos impulsos do ID, o Superego, fator que inicia por volta dos cinco anos de idade, tem por finalidade moldar o desenvolvimento e o comportamento humano na sociedade em que vive.

Freud acreditava que, em uma pessoa realmente saudável, o ego seria mais forte do que o id e o superego, pois assim ele considerava a realidade da situação, enquanto ao mesmo tempo atendia às necessidades do id e garantiria que o superego não fosse perturbado. No caso do superego ser mais forte, uma pessoa seria guiada por uma moral muito rígida [...] e se o id for mais forte, buscaria prazer acima da moralidade e poderia causar grandes danos [...] (KLEINMAN, 2017, p. 26).

Além das fases psicosssexuais serem significativas no desenvolvimento e na compreensão dos atos do homem, o novo modelo de Freud (id, ego, superego) também trouxe contribuições para compreender como ocorre o desenvolvimento e aprendizagem do homem e o seu comportamento no mundo exterior. Cabe ressaltar que as pesquisas realizadas por Freud em função de descobrir como funciona o desenvolvimento do sujeito, não foram feitas baseadas no comportamento das crianças, diferente de Vigostky, Piaget, Wallon e outros estudiosos, Freud fundamentava esses resultados através daquilo que os seus pacientes adultos lhe relatavam (KLEINMAN, 2016).

Diferente das teorias mencionadas anteriormente, a teoria de Wallon sobre o processo de desenvolvimento e aprendizagem é pautada em conceitos dialéticos, ou seja, é desaconselhado uma percepção que indique uma verdade absoluta sobre a forma de aprendizagem do sujeito. Por isso que a revitalização de possibilidades e direcionamentos se mostram mais viáveis a essa perspectiva. Henri Wallon indica que o estudo do indivíduo deve ser feito por completo levando em consideração suas partes afetivas, motoras e cognitivas. Na teoria de Walloniana, o processo de desenvolvimento é visto como uma sucessão de estágios, de forma que a criança alterne entre a inteligência e a afetividade.

O desenvolvimento infantil, de acordo com a teoria walloniana indica a constância dos estágios sem delimitar o sujeito a retornar a alguma fase que não tenha

se desenvolvido por completo. Dessa forma, a teoria vai de encontro com os estudos, por exemplo, Piagetianos, que delimita o sujeito a cada fase de desenvolvimento. Cabe ressaltar que o surgimento de estágios novos não anulam o aprendizado que o sujeito adquiriu, ou seja, eles dão origem a um acúmulo de comportamentos diferentes. A evolução psicológica do ser em desenvolvimento é feita através de uma sequência de estágios não linear ou fixa que ganha complemento com o antigo (GALVÃO,1995).

Para Wallon (1995) o estágio impulsivo-emocional inicia ainda quando a criança está no útero da mãe. É nesse estágio que a criança precisa que o ambiente em que ela esteja inserida, lhe forneça subsídios suficientes para que ela possa se movimentar e aprender. Também é no estágio impulsivo-emocional que o ser em desenvolvimento manifesta os seus desejos por meio do choro, garantido que o adulto se mobilize para atender às suas necessidades

Já o estágio sensório-motor, segundo o autor, é o período em que a criança se volta para a exploração sensório-motora do mundo físico. A aquisição dos movimentos e da repetência que a criança aprende proporciona a ela uma autonomia na manipulação dos objetos e no conhecimento do espaço que a circunda. Outro fator importante nessa fase é o desenvolvimento da função simbólica e da linguagem. Para isso, a criança precisa do auxílio dos gestos para exteriorizar o ato mental realizado pelo ato motor.

No estágio do personalismo, o psicólogo esclarece que esse período é a fase da construção da consciência que se dá através das interações sociais. As características da criança passam a ser reconhecidas por ela, ou seja, o que ela quer ou não fazer fica em evidência nesse estágio. Por volta dos seis anos inicia-se a fase categorial. É o período em que o ser em desenvolvimento têm seus interesses dirigidos pela curiosidade e conquista do mundo exterior, imprimindo às suas relações com o meio preponderante do aspecto cognitivo.

Quanto ao estágio da adolescência, Galvão (1995) identifica que nessa fase ocorre o que ele classifica de “rompimento da tranquilidade afetiva”. Nessa fase o adolescente apresenta suas necessidades e um novo contorno da personalidade desajustada, devido às alterações corporais. Esse processo exterioriza questões pessoais, existenciais e morais, numa recuperação predominante da afetividade.

Assim sendo, a teoria Walloniana mostra que durante o desenvolvimento da criança acontecem momentos de predominância afetiva, onde ocorre o acúmulo de

energia, e de predominância cognitiva. Definido por Wallon de predominância funcional. A predominância do caráter intelectual condiz com as etapas em que a ênfase está na construção do real e no conhecimento do mundo físico.

Na transição de um estágio para o outro ocorre uma alternância entre as formas afetivas que predomina em cada fase. Cada novo estágio é constituído por alterações na orientação das atividades e do interesse da criança. Apesar de haver alternância no lado afetivo e cognitivo da criança, essas duas funções não se mantêm separadas uma da outra. Cada uma ressurge como atividade predominante em um determinado estágio, incorporando cada conquista realizada pela outra, na fase anterior, construindo assim um processo de integração e diferenciação (KLEINMAN, 2016)

Assim, tem-se no primeiro estágio da psicogênese, uma afetividade impulsiva da criança que busca nutrir o seu lado emocional através do olhar, do contato físico e da expressão através de gestos e posturas. Diferente da afetividade do personalismo, pois esse estágio incorpora os mecanismos intelectuais, desenvolvidos ainda no estágio sensório-motor. A afetividade desenvolvida nessa fase é simbólica e se exprime por meio de palavras e gestos. Em seguida, integrando os progressos intelectuais realizados na fase categorial, a afetividade torna-se mais seletiva, os sentimentos deixam de ser desenvolvidos como nos estágios anteriores, e passam a ser elaborados através de julgamentos feitos pelos jovens a respeito de suas relações afetivas.

No processo de maturação as funções construídas em cada estágio não elimina as funções básicas dos princípios básicos de cada uma, mas exerce sobre elas o controle. As funções básicas vão perdendo a autenticidade de acordo com a integração das novas possibilidades que surgem em um determinado estágio. Ainda segundo Wallon, enquanto a integração não se consolida, as funções submergem constantemente em longos períodos ou durante um curto tempo.

A integração funcional não é permanente, embora as capacidades já tenham se submetido aos centros de controle, ela pode ser provisoriamente desintegrada. Daí as teorias Walloniana descartarem a ideia de que uma criança não pode retroceder em alguma fase na qual não concluiu por completo. Esse retrocesso pode ser analisado nas atividades escolares quando o ser em desenvolvimento, por exemplo, pratica a arte da pintura, mesmo dominando os recursos de representação gráfica, vez por outra ele rabisca (FERRACIOLI, 1999).

2 RELAÇÃO PROFESSOR À LUZ DA PSICANÁLISE E AS IMPLICAÇÕES NO SEU DESENVOLVIMENTO

2.1 COMO A CRIANÇA APRENDE?

Quando fala-se em desenvolvimento infantil não se pode deixar de enfatizar os aspectos fundamentais desse processo: A criança não se desenvolve de maneira linear; muitas vezes ocorrem avanços e retrocessos; é um processo gradativo, ou seja, ele possui várias fases; cada criança é um ser único, por isso a importância de respeitar o seu tempo; o excesso ou a falta de estímulos pode interferir nesse processo, levando a futuras dificuldades e cada criança, sendo ela única, não pode ter as suas habilidades comparadas com as demais, embora tendo a mesma idade.

Faz-se necessário também observar as quatro áreas que favorecem o aprendizado: física, a cognitiva, a emocional e a social. Essas áreas necessitam estar sintonizadas e precisam se desenvolver na mesma proporção.

Segundo Cordeiro (2010) a criança aprende por meios de desafios, em um espaço atrativo e organizado. Ao ser desafiada, ela adquire outras maneiras de pensar, provocando a imaginação, o desenvolvimento da sensibilidade e a construção do conhecimento. Cabe ressaltar que o convívio com outras pessoas também estimula a criança ao aprendizado, sendo que é por meio desse contato que ela aprenderá sobre as regras e regem o convívio social.

Nesse contexto, Back (2016) argumenta que durante o processo de aprendizagem da criança é necessário voltar a atenção para um ponto fundamental do desenvolvimento da criança: as capacidades não cognitivas. As capacidades não cognitivas estão associadas às capacidades que vão além do ensino de matemática, Língua portuguesa, ciências que a escola tradicional se preocupa em transmitir. Existe toda uma gama de qualidade que está no centro da educação integral e alicerçam em grande medida o sucesso de um sujeito na sociedade pós moderna. São as denominadas habilidades socioemocionais, e portanto, não cognitivas.

Essas habilidades determinam a resiliência, o autocontrole entre muitas outras, são as que determinam como o ser em desenvolvimento age diante das situações conflituosa, divergente, entre outras. Basta experienciar um pouco a vida para saber que a trajetória do crescimento humano está, inevitavelmente, minada dessas experiências. Durante a infância, por exemplo, são essas experiências que

comumente, desencadear os acessos de “birra”, que, de acordo com a neurologia, nada mais são do que desarranjos emocionais em detrimento a um episódio que o cérebro entende como negativa, traumática ou contraditória (BACK, 2016).

A informação que o cérebro contém é caracterizada pelo fato de que marca todas as possibilidades de desenvolvimento que tem o ser humano, mas não impõe limitações. Assim, por exemplo, o cérebro contém todas as informações para que uma criança possa falar, porém não determina em que língua o fará, nem o grau de aquisição que atingirá. (FERRACIOLI, 1999, p. 60).

A primeira infância é uma fase muito importante e deve ser tratada como tal, pois é a base para o desenvolvimento do indivíduo como um todo. A curiosidade é nata nas crianças, o que faz com que elas constantemente busquem respostas. À medida que elas desenvolvem as competências linguísticas, elas começam a se expressar de outras formas; nesse momento, as competências físicas, emocionais e sociais se integram, propiciando o desenvolvimento cognitivo.

Conforme as teorias freudianas com a pulsão do saber houve a necessidade de vincular a curiosidade, o saber e o conhecimento para então poder analisar de forma significativa como a criança desenvolve em relação ao aprendizado. Para Freud (1986) a pulsão de saber, que não se refere apenas ao sujeito infantil, produz teorias para explicar o que não é enigma, o que estimula, o que produz. Essas teorias podem ser compreendidas como um saber de cada sujeito. Esse saber de cunho singular e intransmissível, diversas vezes inconfessável, será um elemento indispensável durante a construção de novos conhecimentos ao longo da vida do sujeito.

Freud (1886) segue esclarecendo a respeito do saber, e diz que ele conduz a nossa pesquisa. A cada instante da vida do sujeito surgem questionamentos, e que nem sempre as respostas que são apresentadas são convincentes. É por isso que saber e conhecimento avançam gradativamente. Quanto ao ponto de vista do aprender (seja criança, adulto ou adolescente) inclui um outro, o professor. Cabe lembrar que para a psicanálise, aprender está totalmente desprovido do entendimento que o professor é o centro do conhecimento. Nesse caso, alunos e professores estão empenhados na busca do conhecimento.

Embora Freud não tenha sido um teórico voltado a pensar sobre as questões relacionadas ao universo do ensino e da aprendizagem, pesquisou sobre as questões psíquicas que poderiam levar um indivíduo a aprender, a ser aspirante do ato de

conhecer. Ele tinha como um de seus principais interesses descobrir a gênese do desejo do saber nas pessoas, que, para ele, era explicitado desde a infância, através da curiosidade e do exercício de indagação ao adulto (BACK, 2016).

A capacidade de organizar e estruturar os momentos experienciados vem da própria atividade das estruturas mentais que funcionam, comandando, classificando e determinando relações. Existe um isomorfismo entre a maneira pela qual a criança constitui a sua experiência e a coerência de classes e relações. As distintas fases de expressão dessa lógica resultam no funcionamento das estruturas mentais em diferentes etapas de sua construção. Tal funcionamento, cria, no nível estrutural, o que Piaget classifica como os “estágios” de desenvolvimento cognitivo. Os estágios expressam as etapas pelas quais se dá a construção do mundo pela criança (BACK, 2016).

Se o panorama de Piaget sobre o desenvolvimento mental é o conhecimento, e como só pode haver conhecimento por parte do indivíduo que conhece, é preciso partir da perspectiva do indivíduo e tentar identificar que estruturas ele põe em prática para construir o saber. Inicialmente ver-se um ser completamente constituído por seus componentes hereditários, que se adequam assimilando-se e acomodando-se e, fazendo isso, vai modificando suas estruturas de assimilação para melhor assimilar, num círculo sem-fim, cujo movimento vai alargando o processo numa espécie de espiral (KLEINMAN, 2015).

Este processo expõe o que Piaget apontou, ao assegurar que não existe gênese sem estrutura nem estrutura sem gênese. Se a inteligência, como instrumento de adaptação, é pensada em termos de equilíbrio entre a assimilação e a acomodação, o resultado disso é o conhecimento, meio que possui a mente humana para se adaptar. Assim, se o sujeito constitui o objeto, ele se constitui ao se reconstituir de volta (CAVICCHI, 2002).

Para Piaget, a interação revela-se como o ponto primordial do desenvolvimento intelectual. A ideia construtivista do conhecimento, criada por Piaget, tem como núcleo o fato de que o ato de conhecimento consiste em apropriação progressiva do objeto pelo sujeito; de tal forma que a compreensão do objeto às estruturas do sujeito é inseparável da acomodação destas últimas às características pertinentes do objeto (CAVICCHI, 2002).

Conforme o autor, o caráter construtivo do conhecimento se refere tanto ao sujeito conhecedor, quanto ao objeto conhecido; ambos se apresentam como

decorrência de um processo permanente de construção. O construtivismo subjacente à teoria piagetiana deduz a adoção de uma perspectiva ao mesmo tempo relativista o conhecimento é sempre referente a um determinado período do processo de construção, e interacionista o conhecimento apresenta mediante a interação contínua entre o ser humano e o objeto.

Essa concepção tem como principal consequência a afirmação de que o ser humano (criança, adulto ou adolescente) forma seu próprio conhecimento por meio da prática. A natureza da atividade necessária a essa construção necessita, claramente, da natureza do conhecimento que se deseja seja produzido. A interação com objetos vai facilitar o desenvolvimento do conhecimento, tanto físico como lógico-matemático, que corresponde aos objetos, suas propriedades e as relações que se estabelecem entre eles. (KLEINMAN, 2015)

Cavicchi (2002) assegura que esse conhecimento de natureza social e afetiva só pode ser desenvolvido por meio da interação entre os sujeitos. A obra piagetiana pontua como a interação que se estabelece entre as crianças vai tornar possível o desenvolvimento de relações cooperativas no aspecto social, condizente com as relações de coordenação de perspectivas do pensamento operatório no plano do desenvolvimento intelectual. Isso significa que, além de possibilitar o desenvolvimento afetivo e social, as interações entre as crianças formam um primordial para o seu desenvolvimento cognitivo.

Para entender com mais precisão a resposta de Piaget referente ao desenvolvimento do pensamento racional é preciso analisar os fatores considerados por ele como responsáveis por tal desenvolvimento. Podem-se identificar quatro fatores fundamentais para o desenvolvimento das funções cognitivas, cuja responsabilidade nesse processo é, porém, variável. O primeiro deles é a maturação nervosa. A maturação induz as possibilidades, surgindo como condição necessária para o desenvolvimento de certas condutas.

2.2 CONTRIBUTOS DA PSICANÁLISE NA RELAÇÃO PROFESSOR - ALUNO

É na sala de aula que é constituída a relação entre aluno e professor. Uma relação que envolve a compreensão de sentimentos que ambos carregam. A partir das práticas desenvolvidas em sala de aula, essa relação fica mais profunda entre eles, pois o aluno busca encontrar no professor apoio e compreensão para alguns

problemas que estejam enfrentando. Apesar da Psicanálise não ser ainda uma área de grandes debates ser e distinta da pedagogia, ambas se entrelaçam no sentido de promover esclarecimento em torno dos sujeitos da aprendizagem (EVALTE, 2010) .

Ainda segundo a autora, no que compete a construção do sujeito, é evidente que ele não é construído apenas pelo corpo e seus movimentos, mas pela inteligência, linguagem e principalmente por afetos, relações, emoções e contato. Daí a importância de considerar a afetividade como parte fundamental na construção do sujeito e saber cultivá-la no contexto escolar, onde a chave para a exploração das emoções dependem dessa pulsão. Evalte (2010) afirma que para a Psicanálise o afeto é o estado emocional associado a concretização de uma pulsão que dirige toda a atividade do ser humano.

Diante da afirmação de Evalte (2010), percebe-se que ao lançar um olhar sobre o prisma da psicanálise, a afetividade começa a ser construída juntamente com o “eu” por meio das reações que ele estabelece durante a socialização com o outro.

A psicanálise e o educador não poderão ignorar que não haverá mais como trabalhar juntos nos casos de problemas de aprendizagem. O psicanalista, contrariamente ao que se recomenda em relação à prática clássica na psicanálise de crianças, precisará falar longamente com o professor, não para dizer o que fazer com seu cliente na sala de aula, é o que muitos professores esperam hoje, mas para buscar juntos essa nova abordagem do estilo (KUPFER, 2010, p. 132).

Conforme a afirmação, o professor após fazer essa troca de conversa com o psicanalista, em relação aos problemas dos alunos, retornará à sala de aula com mais dedicação para elaborar trabalhos que conduzam a criatividade do aluno ao estilo que lhe é próprio.

Para Kupfer (2007), quando se fala em estilo na psicanálise, logo o pensamento é remetido a um vaso muito utilizado pelos povos da antiguidade para guardar documentos que estavam registrados em suas leis. Os estilos são de fato tesouros do sujeito que muitas vezes são desconhecidos por eles, e a tarefa do psicanalista, juntamente com o professor, é fazer com que cada aluno desenterre o seu próprio tesouro. Para a autora, esse trabalho requer um certo cuidado para que possa ter resultados positivos, afinal fazer o sujeito relembrar situações escondidas no inconsciente pode trazer tanto resultados positivos quanto negativos.

Assim sendo, para Evalte (2010) é através desse pensamento que pode-se considerar a ligação entre aluno e professor por meio do conceito de transferência.

Quando o pedagogo torna-se uma figura de transferência, o que se transfere nesse caso são as experiências vivenciadas primitivamente com a família. E é devido a essa vivência que a autora insiste em afirmar que as crianças constituirão suas próprias relações posteriores. Logo, pode-se dizer que a figura dos pais se transfere para a do professor e essa prática pode resultar em uma transferência.

[...] A natureza e a qualidade das relações da criança com as pessoas do seu próprio sexo e do sexo oposto, já foi firmada nos primeiros seis anos de vida. Ela pode posteriormente desenvolvê-las e transformá-las em certas direções, mas não pode mais se livrar delas. As pessoas a quem se acha assim ligada são os pais. Todos que vêm conhecer mais tarde tornam-se figuras repetidas desses primeiros objetos de seus entendimentos. Todas as escolhas posteriores de amizade e amor seguem a base das lembranças deixadas por esses primeiros protótipos [...] (EVALTE, 2010, p. 15).

Dessa forma, entende-se que assim como no ambiente familiar a criança pode se desenvolver no espaço escolar e vivenciar a fase da transferência de sentimentos. O professor, a exemplo do analista, pode despertar sentimentos no aluno para além do que ele próprio tem acesso conscientemente.

Segundo Freitas (2011) a psicanálise pode oferecer um grande auxílio aos dignos educadores e aos alunos. No determinado momento que o professor compreende os princípios da transparência, entende-se que ele faz parte, quase sempre, da vida emocional e sentimental do alunado, e que isso provavelmente influencia no processo de aprendizagem, visualizando assim um novo e eficaz mecanismo de trabalho que, ao ser explorado, tem o poder de quebrar barreiras antes resistentes.

Há muito tempo sinto que os professores deveriam ser treinados tanto como terapeuta como educadores. As necessidades emocionais das crianças deveriam receber prioridade na situação de aprendizagem. Muitos professores sentem hoje em dia a necessidade de treinamento desse tipo, e buscam ajuda sozinhos, se não conseguem obtê-las nas faculdades ou em seus programas de estágios nos sistemas escolares (KLEIN, 1991, p. 342).

Portanto, não basta apenas os professores se formarem em disciplinas e terem um currículo abarrotado de práticas pedagógicas. É necessário, antes de mais nada, terem uma formação que venha auxiliar no que corresponde às necessidades emocionais dos alunos.

Conforme Freitas (2011) a ênfase freudiana na relação professor-aluno dá-se no aspecto afetivo e não cognitivo. A psicanálise focaliza o campo que se estabelece entre esses dois atores em cena, campo denominado de transferência, fator, segundo ele, condicionante de aprendizagem. Nessa situação, verifica-se então uma relação objetual, que de acordo com Klein (1991) é uma relação existente com o primeiro objeto que implica a sua projeção e introjeção, daí desde o início as primeiras relações de objeto são adaptadas a uma interação entre introjeção e projeção e entre objetos e situações internas e externas.

Em relação aos docentes, nota-se que os cuidados parentais têm sua origem neste processo como salienta Klein (1991), porém, a aprendizagem e cuidados educacionais, elementos manifestos nas falas das educadores podem refletir questões mais profundas, como a identificação e projeção com o objeto (alunos) que se relacionam, o que poderia proporcionar uma condução da aprendizagem articulada a aspectos de natureza interna e emocional.

A teoria psicanalítica, segundo Levisky (2002), permite compreender o desenvolvimento dos alunos por meio da formação de identidade na influência que recebem pela criação (por quem e como são criados) através desse processo de identificação: influências do inconsciente sobre a vida consciente, investimentos afetivos, tipos de ansiedade, mecanismos de defesa predominantes, características da estrutura do ego e do superego, capacidade de tolerar frustrações, sonhos, discriminação entre real e imaginário, mundo interior e realidade externa, manifestações agressivas, libidinais e respectivos controles, regressões, fixações, inibições, simbolização, dentro de leis próprias, como os princípios do prazer e da realidade (OLIVEIRA *et al.*, 2011, p. 140).

Dessa forma, através de uma maternagem suficientemente boa, de uma família continente, podem-se aumentar as probabilidade de se estruturar uma identidade compreensível e verdadeira, construir um ego que seja capaz de lidar com seus próprios limites, construir um superego defensor e permissível, dentro de certa ética e moral, bases para uma vida civilizada e democrática, desenvolvidas através da educação.

Conforme Oliveira *et al.* (2009) compreende-se a importância da figura do docente não só como transmissor do saber, mas como modelo transferencial a ser seguido. À medida que o sujeito tem sentimentos como alegria, tristeza e raiva, vivenciados em sala de aula, intimamente ligados ao professor, evidencia-se a sua importância na vida global dos alunos. Assim, ao testemunhar sua experiência como estudante Freud diz: “é difícil dizer se o que exerceu mais influência sobre nós e teve

importância maior foi a nossa preocupação pelas ciências que nos eram ensinadas, ou a personalidade de nossos mestres”. Conforme o pensamento do psicanalista, a escola deve sim oferecer um ensino de qualidade e encontrar métodos que estimulem os alunos ao aprendizado, porém é de grande importância também que os professores desempenhem um papel que venha atender os alunos na sua natureza interna;

Nas concepções de Oliveira *et al.* (2009), a Psicanálise e a Educação estão intrinsecamente ligadas e a compreensão dessa aproximação tem o poder de promover instrumentos que apoiem não somente na aprendizagem escolar, mas numa aprendizagem global da vida. Na ótica psicanalítica, o ato de educar condiz ao aluno marcas e estilos que vão muito além da missão simplista de aquisição do saber: educar implica no estabelecimento de novos afetos, oferecendo sentido e significação ao que é novo.

O professor e o saber fundem-se num só objeto, portanto se estabelece o desejo do aluno de apropriar-se do saber para ser ele mesmo o objeto de desejo do professor. Na relação pedagógica, a transferência se produz quando o desejo de saber do aluno se aferra a um elemento particular, que é a pessoa do professor (KUPFER, 2007, p. 24).

Portanto, nesse processo de ensino/aprendizagem o professor tem um papel fundamental: garantir o desenvolvimento do aluno oferecendo bases que apoiem o seu crescimento e o controle dos impulsos através do processo civilizatório.

A atenção nas relações interpessoais tem oferecido muitos avanços em relação a compreensão e desenvolvimento no convívio entre o sujeito. Assim, para isso, a psicanálise, desenvolvida por Freud nos últimos anos do século XIX e no início do século XX, tem como objetivo o tratamento de distúrbios psíquicos a partir da análise do inconsciente, com os conceitos de transferência e contratransferência para entender a relação professor e aluno no processo ensino-aprendizagem.

É de suma importância lembrar aqui a ideia defendida por Kupfer (2007) no que corresponde à postura adotada pelo professor em ambiente escolar, que, diante das demandas transferências dos alunados, deve assumir uma configuração de não-saber, ou seja, romper com a sua posição de suposto conhecedor, que não deve ser confundido ao conteúdo de transmissor. Aqui, a renúncia corresponde a impor seu desejo no sujeito, ao saber por ele, sobre seus interesses e apropriações; porém, esse professor jamais renunciará ao domínio sobre sua prática docente, sobre as informações da cultura que é seu dever transmitir a seu aluno.

Muitos professores, segundo Evalte (2010) têm ciência dos movimentos afetivos que despertam em seus alunos, sabem dessa responsabilidade, porém os interpretam como algo pessoal e didático. Acreditam que a relação que estabelecem com os seus alunos não é diferente de qualquer relação cotidiana e esse desconhecimento das especificidades desse vínculo pode levá-los a cometer erros.

Ainda segundo o autor, o docente, por exemplo, pode responder às provocações das crianças com traços de sadismo, realizar torturas psicológicas com o intuito único e exclusivo de ver ali escancarada sua autoridade; ele pode ver-se tentado a rejeitar ou isolar um aluno que se mostre agressivo, uma vez que um comportamento desse tipo faz acender nele o medo frente à sua própria “agressividade”. Daí a importância de compreender e entender a relação transferencial com seu aluno para que o professor possa manter um autocontrole diante das manifestações afetivas, amorosas ou de rejeição dos alunos.

Freitas (2011) afirma que é fundamental que o docente se submeta à análise, visto que, no interior de uma sala de aula encontra dificuldades durante o processo de ensino e principalmente em relação às manifestações sentimentais dos alunos. O trabalho do professor é árduo, e durante a sua caminhada encontra várias dificuldades em relação à transmissão do que seja necessário devido ter que lidar com sujeito de ponto de vista diferente.

Nesse sentido, Evalte (2010) esclarece que não há dúvidas de que o conhecimento de alguns pontos da teoria psicanalítica auxilia o docente a respeito dos elementos de sua subjetividade que interferem na relação com os alunos e também da subjetividade dos mesmos que, como visto, transferem ao professor uma série de representações e sentidos, em muitos casos, independentemente de o professor merecê-los. Tais conhecimentos possibilitaram ao professor ser parceiro do aluno sem se deixar aprisionar pelo jogo que a subjetividade lhe propõe e sem impor a esse aluno seu próprio desejo.

2.3 A PSICANÁLISE E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR

As contribuições da Psicanálise para a formação docente está não na atribuição do ensino ou nas técnicas, mas em proporcionar-lhes uma nova ótica que lhes possibilite questionar sobre sua práxis e sobre as relações que constrói em seu fazer pedagógico.

É notório que embora as análises psicanalistas não estejam de forma aprofundada no âmbito da educação escolar, ela não deixa de analisar o porquê o aluno se comportar de determinada maneira no espaço escolar. Quanto a presença da psicanálise na educação, Freud embora não tendo se formado nessa área, seus preceitos acerca da educação são significativos. Ele compreende que a junção da psicanálise com a Pedagogia é favorável para a busca da compreensão dos próprios educadores com os seus alunos (OLIVEIRA *et al.*, 2009).

O professor representa uma figura para os alunos muitas vezes, de um ideal a ser seguido, mas pelo que ele é, do que propriamente pelo que ele fala. É uma relação trabalhada pelo inconsciente dos alunados. Um aluno que consegue desenvolver no espaço escolar, uma sensibilidade relacional, poderá crescer como um adulto cauteloso em relação aos seus aspectos emocionais, alguém que sabe se relacionar com adultos e crianças de forma positiva em diálogo permanente (BACK, 2016, p. 91).

Nesse sentido, a figura do docente tem um fator principal para o desenvolvimento do aluno, pois como já foi mencionado, não é apenas o que é transferido em sala de aula que basta para o crescimento do aluno, mas como se fala. A maneira como o professor se posiciona em relação vai desencadear tanto resultados positivos quanto negativos na formação do aluno, dependendo da relação que vai existir entre ambos.

Para Oliveira *et al.* (2009), o melhor docente será aquele sujeito capaz de integrar os princípios de todas as maneiras de e formas de aprender e principalmente, de usá-los conforme o determinado momento que vê a criança ou o grupo de crianças com quem está a trabalhar. Para tal, não pode estar de alguma forma comprometido com um determinado instrumento de ensino, mas deve estar em condições de usar os seus meios e artifícios em concordância com as exigências e características dessa criança.

A prioridade, como professor, é sobreviver e, depois, formar os alunos. Isto não é uma questão de princípio, é a realidade: sobreviver psiquicamente, sobreviver na sua identidade profissional e, às vezes, sobreviver fisicamente (CHARLOT, 2008, p. 104).

Conforme o exposto, podemos concluir, essa ideia a partir de dois prismas. O primeiro refere-se a ideia de que o termo sobrevivência não está ancorado apenas ao saber profissional, mas ao dia a dia, ou seja, as dificuldades experienciada pelo docente. Em segundo lugar a ação de formar o discente, perpassada pelo saber que

o professor vai estabelecendo ao longo de sua vida profissional, que é deixada em segundo plano. Assim sendo, o diálogo exposto entre a Psicanálise e a Educação busca reconhecer a complementaridade existente entre esses dois campos teóricos propondo pontos de convergência que criem condições para o entendimento da extensão consciente no que condiz a formação do docente

Sobre essa análise, Vieira e Cavalcante (2020) afirmam que o que está em evidência, relativamente ao professor, é a sua “maturidade e capacidade para amar”, que sem elas o ensino resultará apenas em uma necessidade que tem de ser amado e admirado pelos alunos.

Ainda conforme os autores, o problema fundamental não é restrito apenas ao estilo pedagógico, pois, quer se trate de um ensino “não diretivo” ou de um ensino “tradicional”, pode ser encontrado sempre, ao nível do desejo inconsciente, a mesma encenação de “uma captação narcísica”, que pode implicar a vontade de instruir e, ao mesmo tempo, a de conservar para si o que sabe. A ação do docente vai depender da sua própria competência para lidar consigo mesmo. Não podem retirar-se da Psicanálise princípios pedagógico-didáticos universais.

A Psicanálise não tem o poder de auxiliar o docente a ensinar melhor aquilo que eles têm consciência de ensinar, obter os fins oficiais do ensino, os objetivos claramente definidos. Porém, ela é sensível ao que se passa do outro lado, do lado do inconsciente, ao modo como, sem o saber e sem o querer, o professor perpétua - mal - uma função social muito antiga. Diante disso, a análise pode perceber, por meio de uma maneira degradada e decaída, algo que é do seu domínio, que tem a ver com o inconsciente, mesmo se se perdeu o seu verdadeiro valor e já não cumpre, senão mal, a sua função (VIEIRA; CAVALCANTE, 2020).

Para Evalte (2010), o material didático tem de ser levado em conta apenas como uma forma de estabilizar relações. Uma vez estabelecida essas relações entre ambas se compreende que o saber aprende-se com a educação que é a relação humana.

A educação é também pedagogia, que é a filosofia do ensinar. Mas didática não é educação; é instrumento da relação pedagógica. Quando a educação é só relação, o Ser estagna; quando a educação é só filosofia, o Ser volatiliza-se em virtudes tristes que se tornam em ignorância da vida. Quando a didática prevalece, a educação falha e a inteligência criativa do homem é posta em risco. Quando a relação educativa prevalece, a didática surge espontaneamente. A didática cria-se a dois, a três ou a muitos, que delimitam um espaço cultural (OLIVEIRA *et al.*, 2009, p. 267).

Assim sendo, o campo da formação de professores tem sido marcado por uma cultura de dependência e subsídio. Fato explicitado quando observamos a transmissão massificada de técnicas e teorias, sem, contudo, ouvir as vozes dos sujeitos participantes desse processo, distanciando-os e relegando-os a uma posição objetiva. Em se tratando de profissionais da educação escolar, existe inadequação de tratarmos nos processos de educação continuada como treinamento quando desencadearem apenas ações com finalidades meramente mecânicas.

Conforme Neto (2008) tais inadequações se tornam maiores quando as mesmas se distanciar das manifestações inteligentes, devido não se estar falando, de forma geral, meramente modelando comportamentos ou esperando reações padronizadas; estamos educando sujeitos que exercem funções calcadas no uso da inteligência e nunca apenas pelo uso de seus olhos, seus passos ou gestos. Dessa forma, o autor chama a atenção para pensar em uma formação docente, não apenas voltada para os aspectos teóricos, práticos e metodológicos, mas que objetivem formar um perfil ideal de pedagogo, uma vez que existem lacunas, ambiguidades e imprecisões que fogem desse ideário

No que corresponde ao mal-estar instalado entre os professores, Pedrosa (2010) enfatiza que esse mal-estar pode estar relacionado a uma falta de entendimento entre os resultados da prática docente e o discurso pedagógico hegemônico que a orienta. Este discurso anuncia que o destaque nas aprendizagens depende da aplicação correta e racional de métodos, que levados a cabo asseguram o alcance exitoso daquilo que foi proposto. Assim, produz-se a tese ilusória de que é possível controlar todas as ações da metodologia que é utilizada, o que conceberia angústia quando esses sujeitos treinados para as práticas de ensino se veem oprimidos perante algo que foge do seu saber.

Ao contrário desse discurso, a Psicanálise, em consonância com a Educação, tem mostrado que a prática de educar não se restringe a um repasse de informações e conteúdo, mas resulta diretamente ao docente e o discente como sujeitos na construção do conhecimento. Dessa forma, conforme esclarece Pereira (1998, p. 170).

Ensinar não consiste em aplicar cegamente uma teoria e nem a conformar-se com um modelo. É, antes de mais nada, resolver problemas, tomar decisões, agir em situações de incerteza e, muitas vezes, de emergência. Sem, para tanto, afundar no pragmatismo absoluto e em ações pontuais.

Dessa forma, compreende-se que o ato de ensinar parte do princípio de que não se trata apenas de modelar um método de ensino para depois aplicá-lo, mas trata-se, antes de tudo, de verificar o sistema emocional de cada sujeito para assim, tomar decisões.

Nessa linha de raciocínio, Maldaner (2009) expressa que o discurso cartesiano positivista adotado anteriormente pela Pedagogia entra em choque com os pressupostos psicanalíticos, pois estes elucidam as limitações daquele frente à complexidade da ação educativa, uma vez que: Freud e a Psicanálise nos ensinaram que cada criança tem seu ponto, sua singularidade. A partir dessa menção, pode-se afirmar que o docente não tem controle total dos efeitos de suas palavras sobre os alunos. Não saberá o que o aluno fará com as ideias que essas palavras querem expressar e com o que as associará. Com o conceito de inconsciente pode-se então conceber também como sujeitos do desconhecimento, no qual algo sempre escapa à pretensão de controle consciente, como, por exemplo, de tudo o que aprendemos

É nesse sentido que a Educação é vista por Freud como uma missão impossível, já que o professor tenta exercer seu poder pela fala, por meio de um discurso consciente, precocemente estabelecido, buscando efeitos previsíveis. Porém, sob o olhar do inconsciente, a palavra escapa ao falante. A palavra não dá conta do todo, do real que foge às articulações simbólicas da fala. O inconsciente predomina no discurso arranjado e seus efeitos são imprevisíveis e imensuráveis, em se tratando tanto do sujeito eminente, que não tem o controle sobre os caminhos de seu discurso, como de seu receptor, que estará também apto a processos inconscientes (KUPFER, 1989).

Dessa forma, a concepção freudiana a respeito deste impossível está não no sentido de uma não aplicabilidade, mas porque o autor considera a pulsão como algo intenso. Na obra de Freud denominada de, “o impossível não é sinônimo de irrealizável, mas indica principalmente a ideia de algo que não pode ser jamais integralmente alcançado: o domínio, a direção e o controle que estão na base de qualquer sistema pedagógico” (KUPFER, 1989, p. 59).

Além do mais, nunca se ensina da mesma forma que antes. Em cada prática, o projeto educacional se modifica e se completa conforme os contextos e os sujeitos a que serão direcionados.

Conforme Mrech (2005) a educação não é transmitida igualmente. Ela é sempre diferente e inovadora, mesmo quando se acredita que seja repetida e igual. Por quê? Porque os discentes são outros, a circunstância é outra. A educação guiada pela psicanálise propõe, portanto, que o inconsciente de cada ser humano tenha sua importância. Pensar numa educação para o sujeito é diferente de pensar em uma educação para todos.

A categoria é da ordem de uma base atual de Educação, que beneficia o universal e não a especificidade de cada discente. Refletir a respeito de uma educação para o sujeito, como recomenda a psicanálise, refere-se à outra ordem. Ocupa-se de privilegiar a singularidade do aluno, seu cenário de vida e não a sua ordem social. (MRECH, 2005).

Tendo por base essa linha de pensamento, Kupfer (1989) enfatiza que seria possível pensar em uma Formação docente ligada à Psicanálise, proporcionando ao professor uma ética, uma maneira de ver e de compreender suas ações educativas. Tudo o que for ensinado para o aluno terá questionamento, pois vai de encontro com a sua subjetividade, o que consentirá o pensamento inovador, a criação e a geração de novos conhecimentos.

3 CONTRIBUIÇÃO DA PSICANÁLISE NA EDUCAÇÃO ESCOLAR: CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE ITAITUBA-PA

3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo foi realizado com o intuito de descobrir de que forma a Psicanálise pode contribuir no processo de aprendizagem do aluno. A pesquisa contou com métodos de abordagem qualitativo que, além de colher os dados necessários para a compreensão do caso, também trouxe esclarecimentos a respeito dos fatores que contribuíram para a ocorrência do problema. De acordo Gil (2009), esse tipo de pesquisa, além de colher dados específicos, pode apontar dados que expliquem o tipo de complexo da realidade.

Adotou-se a pesquisa bibliográfica para dar embasamento a estrutura do estudo a fim de assumir um posicionamento formal e de adquirir informações a respeito da realidade. Cabe ressaltar, que esse processo equivale a uma reflexão e um tratamento científico. Dessa forma, a pesquisa pode ocorrer de duas formas: de forma direta, quando o pesquisador colhe as informações diretamente do local onde o fenômeno ocorreu, ou indiretamente, através do levantamento de informações aderidos por meio de entrevistas.

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside de fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço (GIL, 2009, p. 45).

Nesse sentido, entende-se que esse tipo de pesquisa fornece ao investigador uma cobertura completa dos fatos que precisam serem investigados, poupando-lhe tempo comparada a uma pesquisa realizada diretamente. Essa vantagem torna-se relevante quando um pesquisador pretende coletar informações indeterminada.

Os autores e textos escolhidos discorreram sobre a importância da psicanálise no contexto escolar, entre esses autores encontra-se Galvão (1995) pontuando a respeito das fases de desenvolvimento da criança e a importância de serem levadas em consideração durante o processo de ensino: Freud (1976) que enfatiza sobre a importância da escuta por parte do professor, para que o aluno se sinta acolhido em sala de aula; Kupfer (1989) que ressaltava sobre a possível formação do professor ligada

a Psicanálise, pois para a autora essa área possibilita que o sujeito compreenda a dimensão de suas práticas educativas; e outros como Evalte (2010) Ferracioli (1999), Back (2016) Alfaro (2017) e Assis (2017) corroboram dessa ideia e veem a Psicanálise como uma ferramenta capaz de auxiliar na interpretação do lado didático e pessoal.

A pesquisa de campo ocorreu por meio de um questionário aplicado aos professores da Escola de Ensino Fundamental Maria da Consolação M. Cerqueira, em Itaituba-PA, com participantes do gênero masculino e feminino com tempo de trabalho distinto. Alguns trabalham na escola há mais de cinco anos. A pesquisa ocorreu com oito professores que trabalham com turmas dos anos iniciais e finais do ensino fundamental.

Assim, a coleta das informações necessárias aconteceu com o uso do questionário no sentido de responderem as questões que direcionam esse estudo, como o de reconhecer a contribuição que a Psicanálise pode trazer para a prática pedagógica, de forma a preparar o professor para agir em determinadas situações que os alunos apresentem dificuldades de aprendizagem relacionadas à dimensão emocional e psíquica.

Os entrevistados são graduados nas áreas específicas das disciplinas que lecionam e ainda possuem pós-graduações. Possuem um tempo considerável de atuação em sala de aula, daí podermos dizer que possuem certa experiência docente que os torna aptos para participar dessa pesquisa. O quadro 1 traz o perfil dos entrevistados.

Quadro 1. Perfil dos entrevistados. Fonte: EMEF Ma. da Consolação Cerqueira, Itaituba-PA, 2023.

Prof.	Graduação e Pós-Graduação	Tempo de atuação	Ano/Disciplina que leciona
P ₁	Pedagogia, pós graduada em Ensino da Língua Inglesa, Educação especial e Neuropsicológica	5 anos	5º ano: Geografia, Artes, e Introdução a Tecnologia.
P ₂	Pedagogia	23 anos	1º ano do EF
P ₃	Pedagogia, pós graduação em Educação Infantil e series iniciais	4 anos	1º ano do EF
P ₄	Pedagogia e pós graduação em Educação para o ensino infantil	5 anos	2º ano do EF
P ₅	Licenciatura em História/Pedagogia/ Filosofia e pós graduação em História e geografia; Mestrado em História	15 anos	História e Estudos Amazônicos
P ₆	Pedagogia, pós-graduação em Educação Especial e Magistério Superior	24 anos	3º e 5º anos do EF
P ₇	Graduação e pós gradação em Química, Biologia e Metodologia do Ensino de Ciências	25 anos	Química e Biologia
P ₈	Pedagogia	18 anos	5º ano do EF

Os entrevistados são profissionais que atuam de 4 a 25 anos na área docente. Alguns professores para aprimorar ainda mais o conhecimento se especializaram em disciplinas pertencente ao campo de atuação. Outros docentes se especializaram em Educação especial e Neuropsicologia, a fim de ajudar o educando no seu dia a dia.

Para a professora número 1, ir em busca de conhecimentos, estar sempre cauteloso às necessidades do aluno é fundamental, principalmente em se tratando da área emocional: *“Cultivar uma boa saúde emocional, pode ajudar cada sujeito a enfrentar as adversidade do dia. Reconhecer nossas emoções quando elas se faz presente pode ser desafiador, mas quando avaliamos esse sentimento ganhamos a oportunidade e escolher o que fazer com ele”*.

Na entrevista foi identificado que o professor 7 trabalha também no ensino médio. Aproveitando o ensejo, foi questionado a respeito da sua atuação neste nível de ensino, em que o docente respondeu que é diferente trabalhar com turmas de níveis diferenciados, mas nada que viesse interferir na sua vontade de exercer o papel de mestre.

Durante a entrevista, notou-se que outros docentes ministram todas as disciplinas da grade curricular. Devido a essa informação foi questionado se a quantidade de disciplina não os deixavam exaustos. Em resposta, eles disseram que sim, mas quando decidiram se formar em docentes, já imaginavam que não seria fácil.

Nesse sentido, observou-se que os profissionais procuram cumprir com o seu trabalho e buscam na medida do possível compreender e ajudar os seus alunos. No decorrer da entrevista, não pode ser deixar de observar a frase que a entrevistada 5 relatou: *“Não foi eu que escolheu a profissão, mas foi ela quem me escolheu”*. A professora deixou claro que está satisfeita com seus quinze anos de docência e que tenta sempre está em busca de novos conhecimentos para transmiti-los aos seus alunos.

3.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO LOCAL DE PESQUISA

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria da Consolação de Mendonça Cerqueira, localizada a Passagem Clodson Borges do Vale, 1382 – Bairro Jardim das Araras foi inaugurado em 13 de abril de 1999, pelo então Prefeito Edílson Dias Botelho. Tendo como 1ª Diretora: Antônia Marilene Ribeiro de Mélo, 1ª Secretária: Maria Lucia dos Anjos Araújo.

A referida escola, desde a sua fundação, atendeu outros segmentos, cedendo espaço físico para funcionar o Curso Pré-Vestibular, Fundação Esperança, Cursos Intervalares ofertados pela Universidade Federal, Universidade Estadual do Pará, Projeto Gavião e nos anos de 2007 a 2010, através de uma parceria entre Governo Municipal e Estadual, cedeu espaço físico para o funcionamento de 09 (nove) turmas do Ensino Médio da Escola Estadual Professora Maria das Graças Escócio.

Atualmente possui 02 (dois) pavilhões, um administrativo e outro dividido em 10 salas de aula, onde atende um número de 450 alunos – ano 2023 – nos turnos manhã e tarde com a oferta do curso de Ensino Fundamental de 1º ao 9º ano. Conta com um quadro docente de 22 professores e um quantitativo de 16 profissionais do quadro de apoio Administrativo. Neste ano de 2023 encontra-se sob a administração da professora Maria Madalena Ferreira e do professor Edilson Soares Silva, Técnica Lizete de Fátima Lengler Rodrigues e Secretária Giane de Oliveira Frota Lima.

A função social da escola deve ser de articuladora: de direitos, da igualdade e de solidariedade dentro de um processo democrático, onde o conhecimento não está desvinculado de um projeto social mais amplo, marcado por reformas que resgatem a cidadania e os direitos elementares dos seres humanos, considerando-se a formação e educação como práticas sociais definidas para as possíveis transformações.

A instituição escolar deve ser o espaço de interação entre o mundo real do quais alunos, professores, funcionários e familiares fazem parte e são membros de forma direta e indireta, com os problemas específicos da comunidade local onde prestam serviços, auxiliando na compreensão e transformação do mundo. Afinal, a escola serve para ensinar conteúdos e habilidades necessárias à participação do indivíduo na sociedade. É papel da escola conduzir o aluno a compreender a realidade de que faz parte, situar-se nela, interpretá-la e contribuir para sua transformação.

O Projeto Político Pedagógico Escolar vem sendo desenvolvido conforme estratégias traçadas no Plano de Ação Escolar – PAE, como: Projeto jogos estudantis do 6 ao 9º ano; Projeto jogos ensino fundamental 1º ao 5º ano; Projeto “recuperando e reforçando aprendizagens 3º ao 5º ano; Projeto de reforço em geografia para desenvolvimento da análise crítica; Projeto de atividade complementar, assessoramento pedagógico a gestão escolar.

Os resultados das ações desenvolvidas são avaliados mensalmente através de reuniões pedagógicas com a comunidade escolar, para análise dos resultados

obtidos, e possíveis alterações com o intuito de programar a atuação das diretrizes contempladas no Projeto.

Ao Idealizar e elaborar a proposta pedagógica da unidade de ensino evidenciou-se a necessidade que os educadores tem de conhecer a proposta pedagógica e trabalhar a mesma, diante de um Planejamento participativo, priorizando as práticas coletivas. Observou-se também que se faz necessário não apenas conhecer, mas sim experimentar em todos os momentos as práticas necessárias, quanto à avaliação e metodologia, relacionando esses aspectos sempre a missão, visão, filosofia e linha de trabalho da escola.

Ao ser colocada em prática as concepções de educação elencadas nesta proposta pedagógica, com certeza pode-se propiciar a comunidade local um ensino público de qualidade que é a meta de trabalho para os próximos anos. Portanto, pretende-se juntamente com os atores do processo educacional realizar um trabalho diferenciado visando a melhoria do ensino da instituição escolar.

A proposta pedagógica de uma instituição de ensino é a sua identidade, pois através de sua proposta podem-se verificar quais os seus objetivos e metas, pois a proposta pedagógica vai muito além da mobilização, pois implica intencionalidade, definição das metas e posicionamento frente aos objetivos educacionais, sociais e políticos em uma sociedade complexa. Os aspectos pedagógico do ato educativo consiste, portanto em formular objetivos sócio-políticos e educativos.

A participação, o diálogo coletivo, a autonomia a eleição direta do diretor da escola, são práticas que pressupõem uma gestão democrática e, conseqüentemente uma escola administrada de forma coerente, participativa, idealizado e pautada em uma proposta pedagógica construída por todos os atores da escola com a participação da comunidade e do conselho escolar.

3.3 CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES

Para Zimerman (2001), a aquisição de um sentimento de identidade se dá através de identificações que foram adquiridas ao longo do desenvolvimento pessoal. Desse modo, com a intenção de conhecer as concepções dos professores do ensino fundamental sobre a temática pesquisada, inicialmente perguntou-se: **Como se deu a escolha pela profissão?** Os relatos dos entrevistados estão demonstrados no quadro 2.

Quadro 2. Escolha da profissão. Fonte: EMEF Ma. da Consolação Cerqueira, Itaituba-PA, 2023.

Prof.	Relatos dos professores
P ₁	<i>Escolheu Pedagogia por ser um curso em conta em questão financeira, e por empregar rápido. No meu caso, comecei a atuar na profissão no sétimo ano.</i>
P ₂	<i>Minha irmã tem uma escola de ensino infantil. Foi lá que tudo começou.</i>
P ₃	<i>Se deu no meu estágio de Pedagogia, não tinha muito apreço pela área, mas no estágio foi onde me encontrei e passei a amar de paixão e principalmente nas séries iniciais.</i>
P ₄	<i>Minha mãe é professora e acabei me inspirando nela.</i>
P ₅	<i>Entrei na profissão através da nota do ENEM, me inscrevi para a bolsa na FAI e ganhei para o curso de História. E digo sempre que foi a disciplina de História que me escolheu, e eu abracei a minha profissão e gosto muito do que faço.</i>
P ₆	<i>No início da carreira, você imagina que só vai ensinar, mas você aprende muito mais todos os dias. Você tem um aprendizado novo. O fato de estar na escola onde existem tantas variedades de cultura dentro de uma mesma sala, começamos a aprender a lidar com o jeito de ser de cada aluno. Ser professor é desafiador, porque não sabemos nunca o que vamos encontrar pela frente. Busque sempre o conhecimento porque não existe prática sem conhecimento. E o conhecimento sem a prática fica estagnado.</i>
P ₇	<i>No meu caso, apenas minhas habilidades e afinidades que tenho na área de atuação.</i>
P ₈	<i>Porque me identifiquei com a docência que surgiu no início do ensino Médio.</i>

Os docentes relataram que o que mais os impulsionou a exercer a prática docente foi a convivência com outras pessoas que também já eram professores. Em outra ocasião, notou-se que a escolha pela docência veio pela tentativa de querer mudar um quadro de ensino que é repleto de atividades que não condizem com a realidade do aluno.

Os professores também relataram que não é fácil o início de carreira, principalmente porque você vai lidar com sujeitos diferentes, e que traz para a sala de aula uma bagagem de conhecimento, ou seja, o aluno não vem para a sala de aula sem nada para ser questionado. Porém, isso não se torna um empecilho para os professores, ao contrário, é desafiador e isso estimula o docente a se aperfeiçoar a cada dia. Em um outro momento, os professores relataram que eles gostam do que fazem e que se sentem satisfeito quando os seus esforços são levados em consideração.

O professor, oferecendo-se como modelo identificatório, possibilita a aprendizagem, visto esta ser dar pelo desejo de querer parecer-se com aquele que se ama. O professor, ao aceitar colocar-se como objeto ao qual se liga o amor do aluno, sem renunciar as suas próprias certezas, possibilita ao aluno a construção da autonomia e de novos saberes (LEITE, 2011, p. 124).

Nesse sentido, entende-se que a figura do docente é significativa para o aluno. Quando o sujeito decide tornar-se professor é necessário que ele leve em consideração, primeiramente, a sua disponibilidade para atuar nessa área, pois não se trata apenas de ministrar disciplinas, mas observar que a sua figura vai se tornar significativa para o desenvolvimento do educando.

A respeito dessas vivências foi ainda questionado: **O que mais tem lhe motivado nessa profissão de professo(a)?** O relato dos entrevistados estão demonstrados no quadro 3.

Quadro 3. O que mais motivou nessa profissão? Fonte: EMEF Ma. da Consolação Cerqueira, Itaituba-PA, 2023.

Prof.	Relatos dos professores
P ₁	<i>Criar vínculos e afetividade com os alunos, estabelecer uma imagem de confiança para que assim a minha docência em sala de aula seja correspondida de acordo com as aulas propostas.</i>
P ₂	<i>Vê muitas crianças precisando de ajuda e motivação para aprender a ler e a escrever.</i>
P ₃	<i>O desenvolvimento do aluno é um dos principais fatores que nos motiva, não só de um aluno, mas de uma turma inteira. O desenvolvimento do aluno é sem dúvida é a nossa maior motivação.</i>
P ₄	<i>Ver a força de vontade dos alunos todos os dias vindo a escola para aprender. Eu acredito no potencial de cada um e quero passar todo o conhecimento que tenho para eles.</i>
P ₅	<i>Transmitir conhecimentos, motivar os jovens a modificar sua realidade em busca de objetivos, através dos estudos. Abrir novos leques de horizontes para essa nova geração.</i>
P ₆	<i>O que me motiva na profissão de professor é quando percebo que trouxe algo de bom para a vida dos alunos.</i>
P ₇	<i>O que mais me motiva é quando vejo um aluno, ou um ex- aluno que diz estar muito feliz em ter estudado comigo e aprendido muito, e que futuramente vai seguir os meus passos.</i>
P ₈	<i>A possibilidade de contribuir para a formação do aluno.</i>

Segundo os entrevistados, a figura do aluno foi um ponto decisivo para a escolha da profissão. Assim, relatam que ao verem a vontade dos alunos em aprenderem e o esforço que cada um demonstram pelo aprendizado, implicou de maneira significativa pela escolha da profissão. Em outro momento, alguns entrevistados enfatizaram que a escolha deu-se também mediante as dificuldades que alguns alunos encontram para aprender.

O professor representa uma figura para os alunos muitas vezes, de um ideal a ser seguido, mas pelo que ele é, do que propriamente pelo que ele fala. É uma relação trabalhada pelo inconsciente dos alunos. Um aluno que

consegue desenvolver no espaço escolar, uma sensibilidade relacional, poderá crescer como um adulto cauteloso em relação aos seus aspectos emocionais, alguém que sabe se relacionar com adultos e crianças de forma positiva em diálogo permanente (BACK, 2016, p. 91).

Assim, dizer que a figura do professor é significativa para o desenvolvimento da criança é válido, pois quando um professor tem cuidado e competência pelo que faz, os alunos passam a aprender de maneira significativa.

A ênfase freudiana na relação professor-aluno dá-se no aspecto afetivo e não cognitivo. A psicanálise focaliza o campo que se estabelece entre esses dois atores em cena, campo denominado transferência, fator, segundo ele, condicionante de aprendizagem (FERRARI, 2003). Nesse contexto, perguntou-se aos entrevistados: **Como você analisa a relação com seus alunos? Você acredita que essa relação influencia na aprendizagem do aluno?** As respostas dos entrevistados encontram-se no quadro 4.

Quadro 4. A relação professor e aluno e a influência na aprendizagem. Fonte: EMEF Ma. da Consolação Cerqueira, Itaituba-PA, 2023.

Prof.	Relatos dos professores
P ₁	<i>A relação com o aluno deve ser respeitosa, agradável e amigável. O alunado obtém melhores resultados de aprendizagem quando nota e perceber que seu professor respeita a sua pessoa e conhece os seu interesses.</i>
P ₂	<i>Gosto de trabalhar sempre o seu cotidiano. Influencia com certeza.</i>
P ₃	<i>Estabelecer uma boa relação entre professor e aluno é fundamental para a construção do conhecimento de qualquer estudante. O processo de aprendizagem exige o engajamento de ambas as partes envolvidas para o compartilhamento de experiência e informações.</i>
P ₄	<i>Sim, é um elemento fundamental no processo de ensino aprendizagem, pois é por meio do professor que o aluo aprende. Se não Tiver uma boa relação entre ambos, a aprendizagem não ocorrerá de forma eficaz.</i>
P ₅	<i>A relação do professor-aluno no cotidiano influencia diretamente no processo de ensino-aprendizagem. Os reflexos são visíveis nos resultados das avaliações bimestrais realizadas rotineiramente.</i>
P ₆	<i>A relação entre professor e o aluno é essencial para acontecer o aprendizado só assim podemos conhecer as dificuldades e buscar maneiras para superar essas dificuldades.</i>
P ₇	<i>Muito boa as nossas relações, e sim, acredito que essa relação vai influenciar de forma positiva no seu futuro estudantil.</i>
P ₈	<i>É fundamental a construção de uma relação entre professor-aluno, no qual estabelece um papel de ensinar, pois é por meio dela que se aprende e aprende ensinando.</i>

De acordo os entrevistados, o estabelecimento das relações entre aluno e professor é fundamental para se alcançar resultados positivos na educação. Quando um professor consegue estabelecer relações com os alunos, o trabalho em sala de aula flui de forma eficaz. Para os docentes, não significa que não haverá dificuldades

durante um ano letivo, porém quando o professor tem afinidade com seus alunos essas dificuldades passam a ter soluções.

Na ocasião, docentes relataram que se torna mais atrativa as aulas quando os alunos conseguem dialogar com os professores. Em outra circunstância, quando o aluno tem uma afinidade com o professor, a sua aprendizagem fica comprometida, pois ele se sentirá intimidado a questionar durante as aulas.

O docente, é para o aluno, a figura inteligente, aquele que é capaz de ensinar de uma forma que não envolvam julgamentos. O que ele transmite é então essa estrutura de relação, que é vazia, mas que ele transmite 'recheada', digamos assim, com os conteúdos da matéria que ele estiver ensinando. Seu aluno tomará dessa estrutura vazia para novamente 'preenchê-la'. Dali surgirá um novo estilo, marcado, porém por aquele de seu professor (GALVÃO, 1995, p. 56).

Conforme o exposto, a presença do professor para o aluno é sinônimo de companheirismo, ou seja, não está limitado apenas ao repasse de conteúdo, mas ao estilo que o aluno deseja espelhar-se. O professor é a figura que o aluno admira, principalmente se esse docente estiver apto a construir e manter uma relação amistosa com seus alunos.

Cabe lembrar que quando a figura do professor se intensifica positivamente em sala de aula, surge uma certa empatia do aluno pelo docente, que muitas vezes acaba sendo confundida com a figura paterna/materna. Essa confusão dá-se pela falta de atenção que muitos alunos não têm em casa. À medida que o relacionamento se estabelece entre aluno e professor, a confiança ganha lugar no dia a dia desses sujeitos.

De alguma forma, a figura do professor é facilmente 'confundida' com a figura paternal/maternal, e esse substantivo de afeto não é menos real do que as experiências anteriores: para os aluno, o professor é aquele que, de alguma forma, saberá 'cuidar' dele. Nessa perspectiva perguntou-se aos docentes: **Durante a sua vivência como professor já se sentiu assim ou percebeu que os alunos o veem como uma figura paternal/maternal?** As respostas dos docentes encontram-se no quadro 5.

Quadro 5. Já se sentiu como uma figura paternal/maternal a seus alunos? Fonte: EMEF Ma. da Consolação Cerqueira, Itaituba-PA, 2023.

Prof.	Relatos dos professores
P ₁	<i>Sim, muitas vezes os alunos troca a palavra professor por mãe. Os alunos quando gostam de seus professores se tornam pessoas amáveis e carinhosas.</i>
P ₂	<i>Converso bastante sobre a família. Falo sempre para eles que lá na escola eu sou a responsável por eles.</i>
P ₃	<i>Essas figuras se apresentam com grande relevância na construção do conhecimento. As figuras maternal/paternal estão envolvidas e sempre contribuindo para a formação integral do educando.</i>
P ₄	<i>Sim. Em diversos momentos eles tem um afeto muito grande, gostam de beijar, abraçar, cheirar e em algumas vezes nos chamam de mãe, vó, etc.</i>
P ₅	<i>Sim, constantemente nos tornamos a figura dos “confidentes”, amigos e até como pais aconselhando, conversando, ouvindo seus problemas, angústias e dúvidas do cotidiano escolar, e muitas vezes até nos tornamos um ombro amigo para chorarem.</i>
P ₆	<i>Na correria dos pais nos dias atuais e a preocupação com o trabalho, as crianças podem sentir-se um pouco excluída do convívio familiar e buscam no educador a figura materna ou paterna.</i>
P ₇	<i>Com certeza, nós professores não só somos confidentes, mas assumimos essa responsabilidade de aconselhar, dar atenção, de mostrar os pontos positivos e negativos. Mostrar também para eles que o ambiente escolar também se preocupa com seu desenvolvimento intelectual como também social.</i>
P ₈	<i>Sim. Com a correria do dia a dia, muitas crianças só conseguem ver os pais quando eles chegam do trabalho e isso acaba que deixando essas crianças tristes e para amenizar um pouco essa tristeza, eles acabam nos vendo como pai ou mãe.</i>

Segundo os docentes, alguns alunos quando chegam em sala de aula, principalmente das séries iniciais, trazem consigo uma carência familiar. Isso ocorre devido a família ser um pouco ausente no dia a dia das crianças. Considerando essa afirmação, foi levantado a questão sobre o que eles acham dessa ausência dos pais no dia a dia dos filhos. Os entrevistados responderam que isso se dá devido ao trabalho exercido pelos pais, que muitas vezes os sobrecarregam, e acaba não sobrando muito tempo para os filhos.

Os professores relataram que alguns alunos sentem-se carentes de afeto e buscam suprir essa falta na figura do docente. A questão da falta de afetividade ocorre mais nas séries iniciais, quando os alunos sentem a necessidade de serem abraçados e ter atenção, logo a presença do profissional passa ser confundido com a figura materna/paterna.

Durante a entrevista, alguns docentes narraram que essa troca de figuras não ocorrem com os alunos das séries mais elevadas, porém a busca por um amigo de confiança, alguém em que possa confiar é quase sempre recorrente. A confiança inspirada pelos professores faz com que os alunos encontrem um “porto seguro”, um amigo para desabafar sobre as situações que eles estão passando.

Essa é uma posição de importância no caso das crianças. O professor enquanto figura privilegiada de outro encarnado pode demandar a elas de um lugar diferente daqueles com o qual está habituada. Assim, ele pode fazer uma função de antecipação de funções que ela ainda não é capaz, mas que, ao ser lançada por “um desejo não anônimo” neste lugar, pode vir a responder de modo diferente (LEITE, 2011, p. 67).

Assim, é válido afirmar que a figura do professor no desenvolvimento da criança é fundamental. Essa troca de afinidade existente entre eles despertar o aprendizado do aluno, faz com que ele se sinta importante e tenha uma produtividade eficaz. Mesmo estando em um ambiente diferente do familiar a criança, quando apresenta afinidade com o docente, não terá dificuldade em expor seus sentimentos.

Conforme Rubem Alves (2004) quando se admira um mestre, o coração dá ordens à inteligência para aprender as coisas que o mestre sabe. Saber o que ele passa a ser uma forma de estar com ele. Sobre essa afirmativa foi perguntado **se o docente teve experiência, ou lembra de algum professor que lhe trouxe lembranças e admiração?** As respostas dos docentes encontram-se no quadro 6.

Quadro 6. Tem algum professor que lhe traz lembranças ou admiração? Fonte: EMEF Ma. da Consolação Cerqueira, Itaituba-PA, 2023.

Prof.	Relatos dos professores
P ₁	<i>Sim, na primeira série a professora me tratava com muito carinho.</i>
P ₂	<i>Tenho sim, vários. Na Faculdade muitos me marcaram.</i>
P ₃	<i>Sim. Um professor que era muito criativo sempre estava aberto aos conhecimentos e também era amigo nas conversas</i>
P ₄	<i>Sim, minha professora da alfabetização. Ela fazia muitos desenhos para colorir e eu amava pintar. Ela também era muito cuidadosa, caprichosa e carinhosa.</i>
P ₅	<i>Sim, alguns professores me inspiraram na minha profissão, inclusive na minha área de atuação. Professor Rafael, professora Francinete, grandes educadores e hoje são meus colegas de trabalho.</i>
P ₆	<i>Sim. Nessa questão quero deixar enfatizado que não foi exatamente professores, mas alunos que me fizeram ter admiração por alguns docentes.</i>
P ₇	<i>Sim, posso contar inúmeros professores e, me espelhei em alguns e isso me fez melhorar e ser um bom educador.</i>
P ₈	<i>Sim, meus professores de Matemática.</i>

Segundo os professores quatro e cinco, a profissão é desafiadora devido não envolver apenas o repasse de conteúdo, mas todo um processo que envolve sentimentos. Ao escolher essa profissão, o sujeito precisa ter em mente que ele irá trabalhar tanto questões escolares quanto emocional. Os docentes um e três relataram que esse envolvimento amistoso entre eles e o aluno é fruto do que eles

aprenderam ainda enquanto discentes. A atenção e escuta eles também experienciaram durante o seu processo de aprendizado.

Conforme os profissionais, os professores daquela época eram atenciosos, criativos e sempre estavam à disposição para ajuda-los. Em entrevista, os docentes relataram que tinham seus professores muito queridos, que amavam a hora que iniciava as aulas, pois era um momento de aprendizagem e muita diversão.

No decorrer da entrevista notou-se que o aprendizado não está vinculado apenas ao repasse de matérias, mas na troca de informações, de carinho, de atenção entre o professor e aluno, ou seja, a caracterização do professor não fica imprimida como aquele que tem autoridade sobre tudo.

Se ao entrar na escola, essa criança se adapta com um outro encarnado barrado, abre-se para ela a possibilidade de lidar com ele de outra forma, sem ter de expeli-lo ou de se deixar engolir por ele, podendo ocupar um lugar de sujeito. Então a importância de o professor posicionar-se em um lugar de saber, sem, contudo, encarná-lo, é fundamental (FERRACIOLI, 1999, p. 43).

Segundo o exposto, a figura do docente deve ser vista como um sujeito que lidera uma sala de aula, mas que essa liderança não se sobressaia de forma que os alunos se sintam barrados para se expressarem. Através dos relatos, notou-se que todos os docentes entrevistados guardavam lembranças sobre o tempo que estudavam e principalmente dos professores que ministravam determinada disciplina.

É do nosso conhecimento que a implementação na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) trouxe as competências socioemocionais (CSE) e, com isso, um novo desafio à escola: desenvolver um conjunto de competências para além da área cognitiva e encontrar formas eficazes de acompanhar o seu desenvolvimento pelo estudante. Nesse sentido foi perguntado aos professores: **No planejamento pedagógico, você contempla as atividades que promovam o desenvolvimento socioemocional do seu aluno? Poderia citar um exemplo de conteúdo e atividade praticada?** As respostas dos professores estão no quadro 7.

Quadro 7. Você contempla no Planejamento Pedagógico o desenvolvimento socioemocional do aluno?
Fonte: EMEF Ma. da Consolação Cerqueira, Itaituba-PA, 2023.

Prof.	Relatos dos professores
P ₁	<i>Sim valores humanos, sociais, pessoais e emocionais.</i>
P ₂	<i>Gosto de citar muitos exemplos que passa na televisão.</i>

P₃	<i>Sim, álbum de sentimentos permite que as crianças reconheçam as diferenças entre variadas emoções e quais sentimentos uma mesma emoção gera. Ex: Emoção: afeto sentimentos relacionados ao amor e carinho.</i>
P₄	<i>Sim! Trabalho com atividades, como por exemplo, a árvore das emoções, que consiste em trabalhar com os sentimentos e levar o aluno a entender cada sentimento que eles tem.</i>
P₅	<i>Não, mas no decorrer das minhas aulas procuro dar escuta para meus alunos, converso com eles e sempre abordo temas do cotidiano atual e problemáticas atuais que envolvam suas realidade.</i>
P₆	<i>Contemplo atividades de leitura em grupo e depois individual para estimular o diálogo. Trabalho em grupo com um número maior de alunos. Faço desafios de quem vai se sair melhor.</i>
P₇	<i>Sim, o estudo da célula como uma unidade da vida, levando os alunos até um laboratório e montando, com o auxílio de um microscópio, uma célula, e sempre procuro direcioná-los em uma pesquisa sobre o conceito, as divisões da mesma.</i>
P₈	<i>Não.</i>

Os docentes procuram sempre trabalhar em sala de aula situações que estejam de acordo com o dia a dia dos seus alunos, pois é mais fácil para compreensão. Todas as atividades são realizadas, com exceção das avaliações, são trabalhadas em conjunto. Essa prática é uma forma de fazer com que os discentes estejam sempre em contato com seu pares e principalmente aprendam a trabalhar em conjunto. Os docentes três e quatro afirmaram que a forma que eles trabalham em sala de aula surte efeito, devido a prática se aproximar da realidade das crianças.

[...] este é um ponto importante a ser considerado na educação escolar de forma geral, uma vez que o professor, ao assumir-se enquanto castrado e dando mostra com do que faz com sua falta, possibilita a criança um caminho que leva a lidar com a sua. Ao apontar os objetos de conhecimento como alternativa, ele abre caminho para aprendizagem (LEITE, 2011, p. 76).

Assim, ao apontar que a aprendizagem depende também das práticas utilizadas em sala de aula, pode-se afirmar que é necessário que o professor avalie de forma significativa a maneira como ele trabalha os conteúdos em sala de aula, uma vez que, são essas práticas que auxiliarão os alunos em sua aprendizagem.

Trabalhar em sala de aula requer muito mais que domínio de conteúdo. Muitas vezes, o professor tem que saber lidar com questões tanto sociais, quanto emocionais. Nesse perspectiva, foi perguntado: **Você sente dificuldade em tratar de questões sociais e emocionais dos alunos? Quais as principais dificuldades que eles encontram em sala de aula?** As respostas dos entrevistados estão expostas no quadro 8.

Quadro 8. Principais dificuldades em sala de aula. Fonte: EMEF Ma. da Consolação Cerqueira, Itaituba-PA, 2023.

Prof.	Relatos dos professores
P ₁	<i>Sim, dificuldades em estimular o conhecimento de cada aluno, pois são vários alunos com pensamentos e realidades diferentes.</i>
P ₂	<i>No primeiro ano quase não entendem. Mas estou sempre citando exemplos.</i>
P ₃	<i>Não, porque primeiramente temos que conhecer a vulnerabilidade e pré-disposição do problema e buscar ajuda aos outros professores.</i>
P ₄	<i>Sim, quando algum aluno está com o comportamento ruim ou demonstrando estar triste com alguma coisa, eles tem dificuldades em falar e na maioria das vezes acabam chorando. Nesse caso, fica muito difícil para entender o que está se passando com o aluno, pois eles muitas vezes não se sentem confortável para se expressar com o professor.</i>
P ₅	<i>As sociais já abordo no contexto das aulas, as emocionais não há espaço nas aulas para isso. Por isso, não são trabalhadas, mas deveria ser, pois essas questões precisam ser trabalhadas com as crianças.</i>
P ₆	<i>Acredito que a estrutura no ambiente familiar que ocasionam a indisciplina e outros fatores emocionais.</i>
P ₇	<i>Não, até porque nossos alunos (as) dos últimos quinze anos já trazem consigo muitos problemas, problemas esses que são de separação dos pais, falecimento dos pais que requer toda uma logística para trabalhar com tal aluno.</i>
P ₈	<i>Não, pois essas questões, tanto sociais quanto emocionais, já vem sendo trabalhada com as crianças nas séries anteriores.</i>

Conforme os relatos, alguns docentes sentem dificuldade para abordar questões sociais e emocionais dentro da sala de aula, pois muitos alunos não compreendem os seus sentimentos devido à idade que tem. Em outros casos, o professor se depara com alunos que necessitam de ajuda no momento de se expressarem. Para os docentes, muitos discentes carregam consigo problemas familiar, mas por não sentirem confiança, não conseguem desabafar. “Essa questão acaba interferindo muito no desenvolvimento desse aluno, pois fica difícil lidar com ele sem saber o que ele está sentindo” (Professor 7).

É dessa maneira que Psicanálise pode ajudar o educador, permitindo a possibilidade de uma compreensão em profundidade do sujeito, no que ele tem de mais pessoal e de mais íntimo. Para tal, é necessário que a escola não mantenha os alunos numa relação de submissão passiva à autoridade do docente (BACK, 2016, p. 96).

Dessa forma, pressupõe-se que a maturidade efetiva é a “mola propulsora” de da relação aluno-professor. É a maturidade que fará com que haja a “escuta” e a compressão dos problemas. Para outros professores, a questão social é muito trabalhada, mas quanto a emocional, devido ao tempo, não tem como ser bem enfatizada em sala de aula. “Porém, embora não sobrando tempo para falar sobre

essa questão, não se pode descartar a importância de sua contribuição para a construção do conhecimento que leva a formação da personalidade do aluno”, declarou o professor 5.

No decorrer da entrevista, os professores relataram também que um dos maiores desafios enfrentados é compreender a si mesmo para que possa assumir a sua condição de sujeito, de saber que deverá ser atuante em sala de aula de várias maneiras. *“É de grande valia pensar na formação do professor não apenas como pessoal, mas profissional de acordo com o processo social que vivencia”,* como afirma o professor 1.

Ao acolher os alunos, os professores despertam em cada criança a confiança, o desejo da comunicação. Por isso, a Base Nacional Comum Curricular - BNCC defende que o papel do professor e de todos os profissionais da educação não se restringe ao estímulo do cognitivo da criança, mas também as dimensões socioemocionais (BRASIL, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo compreendida dessa forma, o autor afirma que a Psicanálise também pode contribuir significativamente, através dos seus métodos, com a educação. Muito embora existem aqueles que não compartilham dessa ideia, por acreditarem que se trata de um campo que não pode solucionar problemas de aprendizagem. A Psicanálise pode ser convocada para atuar acerca dos problemas de aprendizagem. Isso porque, ela pode trazer respostas prontas acerca do que fazer com o aluno que se desvia do esperado, trazendo uma solução oportuna que o resgate para a norma.

Nesse sentido, a Psicanálise pode ser vista como a área que possibilita a compreensão do fenômeno educativo, por meio das noções de inconsciente. Ela pode oferecer uma aprendizagem não repreensiva e que responda aos questionários do sujeito conforme forem surgindo.

No segundo capítulo foi abordado sobre a forma como a criança se desenvolve no processo de aprendizagem. Nesse contexto, foi discorrido sobre a importância de trabalhar as habilidades socioemocionais em sala de aula para melhor compreender os sentimentos e os problemas enfrentados pelo aluno. É na sala de aula que é constituída a relação entre aluno e professor. A partir das práticas desenvolvidas em sala de aula, essa relação fica mais profunda entre eles. Daí a importância do professor passar por uma formação que envolva a Psicanálise, pois assim, ele terá uma nova ótica que lhes possibilite questionar sobre sua práxis e sobre as relações que constrói em seu fazer pedagógico.

Conforme o relato dos docentes, as questões sociais é um assunto debatido em sala de aula por meio de métodos que estejam de acordo com o dia a dia da criança. Para os profissionais trabalhar com essa questão promove o desenvolvimento e o preparo da criança para que se torne um sujeito pensante e capaz de interferir em movimentos relacionados ao bem-estar da comunidade pertencente. Quanto as questões emocionais, os professores sentem dificuldades para trabalhar em sala de aula devido ao tempo, porém quando os alunos necessitam externar as suas emoções, os docentes não ficam alheios a essa questão.

Sempre vão surgir situações desafiadoras e para isso é necessário haver um ambiente interno seguro para a estimulação do conhecimento de cada aluno, pois são vários educandos com pensamentos e realidade diferentes. As emoções estão sempre acompanhando o sujeito em todos os momentos, podendo salvar até mesmo

vidas, motivar comportamentos e práticas, sinalizar o que acontece no corpo e na mente e são fundamentais para as relações sociais. Dessa forma, é válido afirmar que quando existe uma relação, uma confiança entre aluno e professor o trabalho de educar se torna mais eficiente, e os alunos sente-se motivados a expressarem e a defender suas opiniões, necessidades e sentimentos, além de mobilizá-los de maneira precisa.

A relação com o aluno deve ser respeitosa, agradável e amigável. O alunado obtém melhor resultado de aprendizagem quando percebe que seu professor respeita a sua pessoa e conhece seus interesses. Alguns professores sempre estão trabalhando essa questão no cotidiano. O estabelecimento de uma boa relação entre professor e aluno é fundamental para a construção do conhecimento de qualquer estudante. O processo de aprendizagem exige o engajamento de ambas as partes envolvidas para o compartilhamento de experiências e informações.

Para os docentes é fundamental manter uma relação amigável com o aluno no cotidiano, pois é por meio dessa relação que se pode ajudar o aluno a superar as dificuldades encontradas.

Ao destacar a Psicanálise como marca humana, torna-se possível uma maior aproximação com as questões educacionais, fazendo ainda com que os professores deem mais importância às expressões praticadas pelos alunos, assim como ao que elas dizem de si mesmo. A Psicanálise promove o rompimento de barreiras entre o aluno e professor, ou seja, é desconstruída a ideia do professor “sabe tudo” e o aluno “sabe nada”. Na visão psicanalítica uns dos fatores que contribuem para essa ideia é que o docente geralmente tem um ideal pedagógico que se confronta muitas vezes com aquilo que o aluno sabe. Para os professores, os métodos psicanalíticos para o ensino, são fundamentais. Ao aproximar essa área de estudo da Pedagogia tem-se uma somatória de contribuição para a compreensão das questões emocionais dos alunos.

REFERÊNCIAS

- ALFARO, Erika. **Uma trajetória que marcou a humanidade**. Judeu, austriaco, neurologista e um dos cientistas mais importantes de todos os tempo. Conheça a história de Sigmund Freud. Ano 1, nº 1, 2017.
- ASSIS, Ávila Luiza Armindo. **Influência da Psicanálise na educação. Uma prática psicopedagógica**. Curitiba: Ibplex, 2007.
- BACK, Frédéric. **Psicologia Aplicada no Cotidiano**. São Paulo: Hunter Books, 2016.
- BIASON, Augusto. **Inimigos Íntimos**. De relação paternal a um irreparável rompimento, Freud e Jung deixaram um legado que transcende a psicologia. Ler e Saber, 2017.
- BRELIVREGUE Henrique. **PAIDEIA – Revista de Sociologia e Filosofia do Colégio Estadual do Paraná** Nº 11 – Ago/Set 2018 – ISSN 2595-265X.
- BREVIGLIERI, Henrique. O fundamento da psicanálise: concepções acerca do inconsciente. **Revista de Sociologia e Filosofia do Colégio Estadual do Paraná**. Nº11. Ago/Set. 2018.
- CAVICCHIA, Durlei de Carvalho. CHARLOT, Bernard. Formação de professores: a pesquisa e a política educacional. In: Pimenta, Selma Garrido. Ghedin, Evandro. (Orgs.) **Professor Reflexivo no Brasil: gênero e criatividade de um conceito**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- CORDEIRO. Everton Fernandes. **o Inconsciente em Sigmund Freud**. 2010. Disp. em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos /A0745.pdf>. Acesso em 12.04.2023.
- COUTINHO, Jorge. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan**. As bases conceituais. v.1. 6 ed. São Paulo; Zahar, 2000.
- EVALTE, Tatiana Telch. **Nas entrelinhas da relação professor aluno: o vínculo afetivo**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Porto Alegre. 2010.
- FERRACIOLI, Laércio. **Aspectos da Construção do conhecimento e da Aprendizagem na Obra de Piaget**. Departamento de Física-UFES. v. 2. pp.180-194. Vitória-ES, 1999.
- FREITAS, A. **A importância do conceito de transferência na relação professor-aluno**. 2011. Disp. em: <http://www.meuartigo.brasil.escola.com/psicologia/conceito-transferencia-relacao-professoraluno.htm>. Acesso em: 02 de maio de 2023.
- FREUD, Sigmund. **O essencial da Psicologia**. São Paulo: Hunter Books, 2016.
- FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. ED. Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. vol.7. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FULGENCIO, Leopoldo Pereira. **Psicologia em Revista**. vol.16, n.1, pp. 67-80, Belo Horizonte, 2010. Disponível. em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-11682010000100006 & script=sci_abstract> Acesso em 11 de abril de 2023.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon. Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. 4 ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 1995.

GUTIERRA, B. C. C. **Adolescência, Psicanálise e Educação: O mestre “Possível” de Adolescentes**. São Paulo: Avercamp, 2003

INSTITUTO UNIBANCO. **Acolhimento socioemocional será fundamental também na retomada das aulas presenciais**, 2020. Disp. em: <https://www.institutounibanco.org.br/conteudoqacolhimento-socioemocional-serafundamental-tambem-na-retomada-das-aulas-presenciais/>. Acesso em 30. 07.2023.

IVÁN Izquierdo. Centro de Memória do Instituto de Pesquisas Biomédicas da Educação da UNESP-Araraquara. **O Desenvolvimento da Criança nos Primeiros Anos de Vida**. Disp. em: <<https://acervodigital.unesp.br/bistrear/>> .pdf.Acesso em: 15 de maio de 2023.

KLEIN, M. **A Psicanálise de Crianças**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

KLEINMAN, Paul. **Tudo o que você precisa saber sobre Psicologia**. São Paulo. Editora: Gente, 2015.

KOGUCHI, Thiago. Acesso para o Inconsciente. **Ler e Saber**. Ano 1, nº 1, 2017.

KUPFER, Maria Cristina Machado. **Educação para o futuro: Psicanálise e educação**. São Paulo. Escuta, 2007.

KUPFER, Maria Cristina Machado. **Freud e a educação: o mestre do impossível**. São Paulo: Scipione, 1989.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da psicanálise**. Tradução: Pedro Tamen. 4 ed. São Paulo, Martins Fontes, 2021.

LEITE, Monica Fujimura. **Que serve a Psicanálise à Educação Escolar**. Centro de Educação comunicação e artes departamento de educação. Londrina, 2011.

LEVISKY, David Léo. Construção da identidade. O processo educacional e a violência-uma visão psicanalítica. **Pro-Posições**. Campinas, V.13 n. 2(39) set/ dez. 2022. Disponível em:<<http://proposicoes.fe.unicamp.br/~proposicoes/textos/39-dossiê-levisky.dl.pdf>>. Acesso em 11 de Maio de 2023.

MALDANER, Jair José. **O inconsciente na prática pedagógica**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2009.

MERCH, L M. Mas, afinal, o que é educar? In: Mrech, L M. (Org). **O impacto da psicanálise da Educação**. São Paulo: Avercamp, 2005.

NETO, Nastassja Lopes Silva. **Inconsciente e Educação: implicações da psicanálise na formação do pedagogo**. Dissertação de Mestrado. PPGE Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, 2008.

OLIVEIRA, Fabrícia de; BODONI, Patrícia Soares Baltaza.; PASQUALINI, Kele Cristina. **Contribuição da psicanálise na Relação Professor e Aluno. Transferência e contratransferência no desempenho escolar**. v. 32, n. 2, p. 131-146, 2011.

PALANGANA, Isilda Campaner. **Desenvolvimento e Aprendizagem em Piaget e Vygotsky: A relevância do social**. 6. ed. São Paulo: Summus, 2015.

PEDROZA, Regina L. S. Psicanálise e educação: análise das práticas pedagógicas e formação do professor. **Psicanálise da educação**. São Paulo, 30, pp. 81-96. 2010.

PEREIRA, Júlio Diniz. **A formação de professores**. Pesquisas, representações e poder. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

PICCINI, Amina Maggi. **Freud: Projeto passo à frente**. São Paulo. Editora: Moderna 1986.

PRUDENTE, Regina Coeli A. C. RIBEIRO, Maria Anita Carneiro. Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora-MG. **Psicologia Ciência e Profissão**. 25 (1), 58-60, 2005.

RABELLO, Eliane; PASSOS, José Silveira. **Vygotsky e o desenvolvimento humano** (2004). Disponível em <<https://josesilveira.com/wp-content/uploads/2018/07/Artigo-Vygotsky-e-o-desenvolvimento-humano>> . Acesso em 06 de maio de 2020.

SANTOS, J. M. S. **A transferência no processo pedagógico**: quando fenômenos subjetivos interferem na relação de ensino-aprendizagem. Dissertação de Mestrado, PPGE da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2009.

TOMLEY, Sarah. **O que Freud faria?** Como os grandes psicoterapeutas podem ajudar a resolver problemas cotidianos. Tradução de Ivo Korytowski. Rio de Janeiro: Sextante, 2020.

VIEIRA; CAVALCANTE. As contribuições da psicanálise para a formação de professores. **Revista de Pesquisa Interdisciplinar**, Cajazeiras-PB, vol.5, n.1, p.01 a 12, ano 2020. Disponível em: <https://cfp.revistas.ufcg.edu.br/cfp/download>. Acesso em 12 de abril de 2023.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação da mente**: o desenvolvimento dos pensamentos psicológicos superiores. L. S Vigotski: organizadores Michael Cole [et al. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes Selo Martins, 2007.

WALLON, Henri. **Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Izabel Galvão. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995. (Educação e Conhecimento).

APÊNDICE –
QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES

Prezado (a) professor (a), você está sendo convidado (a) a participar de um estudo para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) - **Contribuição da Psicanálise na educação escolar**. O objetivo dessa pesquisa é reconhecer a contribuição da Psicanálise na prática escolar no sentido de auxiliar no processo de aprendizagem de alunos que apresentam dificuldades relacionadas à ausência da afetividade e da escuta.

I. Identificação:

a) Nível de formação (graduação e pós): _____

b) Tempo de atuação na função docente: _____ anos.

c) Série/Ano/disciplina que leciona: _____

II. Prática docente:

1. Para Zimerman (2001), a aquisição de um sentimento de identidade se dá através de identificações que foram adquiridas ao longo do desenvolvimento pessoal. Dessa forma, pergunta-se: **Como se deu a escolha pela profissão?**

2. Na visão psicanalítica, o ato de educar transmite ao aluno marcas e estilos que vão muito além da missão simplista de aquisição do saber: educar implica no estabelecimento de novos vínculos. Desse modo, pergunta-se: **O que mais tem lhe motivado nessa profissão de professor (a)?**

3. A ênfase freudiana na relação professor-aluno dá-se no aspecto afetivo e não cognitivo. A psicanálise focaliza o campo que se estabelece entre esses dois atores em cena, campo denominado de transferência, fator, segundo ele, condicionante de aprendizagem (FERRARI, 2003). Nesse contexto, pergunta-se: **Como você analisa a relação com seus alunos? Você acredita que essa relação influencia na aprendizagem do aluno?**

4. De alguma forma, a figura do professor é facilmente ‘confundida’ com a figura paternal/maternal e esse substitutivo de afeto não é menos real do que as experiências anteriores: para o aluno, o professor é aquele que, de alguma forma, saberá ‘cuidar’ dele. **Durante sua vivência como professor já se sentiu assim ou percebeu que os alunos o veem como uma figura paternal/maternal?**

5. Para Rubem Alves (2004) quando se admira um mestre, o coração dá ordens à inteligência para aprender as coisas que o mestre sabe. Saber o que ele sabe passa a ser uma forma de estar com ele. Aprendo porque amo, aprendo porque admiro. **Você já teve essa experiência, ou seja, lembra de algum professor que lhe traz lembranças e admiração?**

6. A implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) trouxe as competências socioemocionais (CSE) e, com isso, um novo desafio à escola: desenvolver um conjunto de competências para além da área cognitiva e encontrar formas eficazes de acompanhar o seu desenvolvimento pelos estudantes. **Em seu planejamento pedagógico você contempla atividades que promova o desenvolvimento socioemocional do seu aluno? Poderia citar um exemplo de conteúdo e atividade praticada?**

7. Você sente dificuldade em tratar de questões sociais e emocionais dos alunos? **Quais as principais dificuldades?**

***** Agradecemos a colaboração nessa pesquisa.